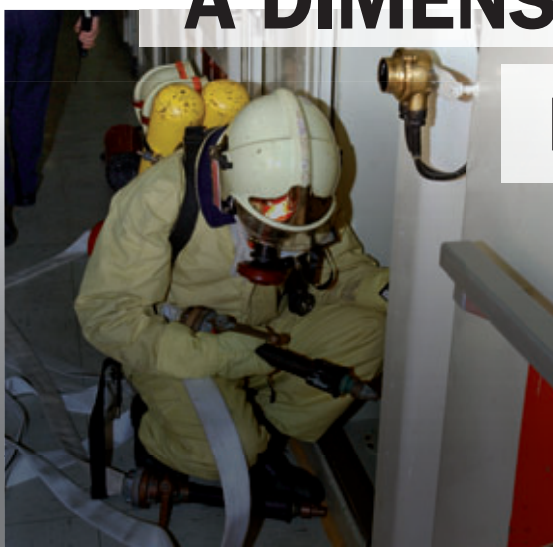


N.º 529 • ANO XLVII
MAIO 2018 • MENSAL • €1,50

Revista da ARMADA



**A DIMENSÃO HUMANA
DA MARINHA**



PROGRAMA

12 a 20 de maio

EXPOSIÇÃO DE ATIVIDADES

Horário: 10h00 às 20h00

dias 12, 13, 18 e 19 maio horário: 10h00 às 22h00

Local: Bombeiros Voluntários de Peniche

ATIVIDADES DESPORTIVAS

Horário: 10h00 às 12h30 | 14h00 às 20h00

Local: Bombeiros Voluntários de Peniche

12 a 19 de maio

VISITAS A NAVIOS

Horário: 10h00 às 12h00 | 14h00 às 19h00

Local: Cais da Docapesca

BATISMOS DE MAR

Lançã Anfíbia

Horário: 10h00 às 12h00 | 14h00 às 18h00

Local: Rampa da Estação Salva-vidas ISN | Peniche

Lançãs de Fiscalização

Horário: 10h00 às 12h00 | 14h00 às 18h00

Local: Cais da Ribeira

Embarcação de alta velocidade

Horário: 10h00 às 12h00 | 14h00 às 18h00

Local: Cais da Ribeira

VISITAS A FARÓIS

Visitas ao Farol do Cabo Carvoeiro

Horário: 10h00 às 17h00

Faróis abertos a visitas

12, 13, 19 e 20 de maio

Horário: 14h00 às 17h00

Consultar faróis abertos em www.amn.pt

16 de maio

APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA "SURFSALVA"

Horário: 10h00 às 11h00 | 15h00 às 16h00

Local: Praia de Peniche de Cima

17 de maio

APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA "CIDADANIA MARÍTIMA"

Horário: 10h00 às 11h00 | 15h00 às 16h00

Local: Auditório dos Bombeiros Voluntários de Peniche

18 de maio

CONCERTO AO AR LIVRE PELA BANDA DA ARMADA

Horário: 21h30

Local: Ribeira Velha

18, 19 e 20 de maio

ENTRADA GRATUITA:

- **Aquário Vasco da Gama**

Horário: 10h00 às 18h00

- **Museu de Marinha**

Horário: 10h00 às 18h00

- **Fragata "D. Fernando II e Glória"**

Horário: 10h00 às 18h00

- **Planetário C. Gulbenkian**

Horário: 13h45 às 16h30

19 de maio

APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA "MAR SEGURO"

Horário: 10h00

Local: Auditório do FORMAR

HOMENAGEM AOS PESCADORES DE PENICHE

Horário: 15h00

Local: Monumento do Pescador

Comemorações

20 de maio

CERIMÓNIA RELIGIOSA

Horário: 09h00

Local: Igreja de São Pedro

CERIMÓNIA MILITAR

Horário: 11h00

Local: Ribeira Velha

DESFILE NAVAL

Horário: 15h45

Local: Cabo Carvoeiro

SUMÁRIO

02	Programa do Dia da Marinha
04	Strategia (39)
08	Cooperação Técnico-Militar. A Importância dos Recursos Humanos
20	Dia Internacional da Mulher na Marinha
21	Mentoria para a qualificação individual e tutoria para o regime de contrato
22	I Jogos Nacionais Militares
24	Cadetes da Escola Naval descem o rio Guadiana
25	Academia de Marinha
26	Entregas de Comando/Tomadas de Posse
29	Notícias
30	Novas Histórias da Botica (70)
31	Saúde para Todos (55)
32	Desporto
33	Quarto de Folga
34	Noticias Pessoais / Convívios / Saibam Todos
35	Marinha no Feminino

NRP ZAIRE. COOPERAÇÃO COM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE **06**



09 A DIMENSÃO HUMANA DA MARINHA



1º JURAMENTO DE BANDEIRA DE MULHERES NA MARINHA **18**



Capa e contracapa

A Dimensão Humana da Marinha.

Composição gráfica ASS TEC DES Aida Faria



Revista da
ARMADA

Publicação Oficial da Marinha
Periodicidade mensal
Nº 529 / Ano XLVII
Maio 2018

Revista anotada na ERC
Depósito Legal nº 55737/92
ISSN 0870-9343

Diretor
CALM EMQ João Leonardo Valente dos Santos

Chefe de Redação
CMG Joaquim Manuel de S. Vaz Ferreira

Redatora
1TEN TSN-COM Ana Alexandra G. de Brito

Secretário de Redação
SMOR L Mário Jorge Almeida de Carvalho

Desenho Gráfico
ASS TEC DES Aida Cristina M.P. Faria

Administração, Redação e Publicidade
Revista da Armada – Edifício das Instalações Centrais da Marinha – Rua do Arsenal
1149-001 Lisboa – Portugal
Telef: 21 159 32 54

E-mail da Revista da Armada
revista.armada@marinha.pt
ra.sec@marinha.pt

Paginação eletrónica e produção
Página Ímpar, Lda.
Estrada de Benfica, 317- 1 Fte
1500-074 Lisboa

Tiragem média mensal: 4000 exemplares

DOTMLPI-I

OS ELEMENTOS FUNCIONAIS DE UMA CAPACIDADE

Durante a guerra fria, o planeamento estratégico de defesa era feito em função das ameaças que, então, eram relativamente bem conhecidas e concretas.

Com o fim da guerra fria, essa metodologia de planeamento ficou desajustada ao ambiente geoestratégico, tendo surgido o conceito do planeamento por capacidades, que apontava para a edificação de capacidades militares, que poderiam ser empregues perante um leque alargado e diversificado de ameaças. Ou seja, perante a imprevisibilidade das ameaças futuras, apontava-se para a edificação de capacidades militares de largo espectro, capazes de as contrariar.

Inicialmente, o conceito de capacidade estava muito ligado à componente material, ou seja entendia-se por capacidade o conjunto de equipamentos militares que a consubstanciavam. Fragatas antigas eram substituídas por fragatas novas, helicópteros velhos eram substituídos por helicópteros mais modernos e por aí fora, prestando pouca atenção a outros aspetos.

Contudo, aos poucos, foi-se percebendo que essa era uma perspetiva redutora e foram-se associando ao conceito de capacidade outros elementos funcionais, como por exemplo: o pessoal (capaz de manter e de operar os meios ou equipamentos necessários à prossecução de objetivos militares, bem como de tomar as decisões mais adequadas em função do ambiente envolvente); a doutrina (para regular a utilização operacional dos meios ou equipamentos atinentes); e o treino (para potenciar a completa exploração operacional dos meios ou equipamentos em causa).

Foi neste quadro que, há cerca de década e meia atrás, o Departamento de Defesa dos EUA desenvolveu o conceito DOTMLPF, no âmbito de um processo designado como *Joint Capabilities Integration Development System*. Assim, foi entendido que cada capacidade militar deveria envolver a doutrina, a organização, o treino, o material, a liderança, o pessoal e as infraestruturas – elementos cujas iniciais em língua inglesa deram origem



Exercício de Limitação de Avarias a bordo de fragata portuguesa. O conceito DOTMLPI-I preconiza um entendimento lato do treino, aí incluindo formação, treino individual, treino coletivo e exercícios.

ao acrónimo DOTMLPF (*Doctrine, Organization, Training, Materiel, Leadership, Personnel e Facilities*), correspondente, em língua portuguesa, a DOTMLPI.

Com este conceito, o desenvolvimento de capacidades evoluiu, portanto, para uma abordagem mais abrangente. Embora a introdução de material mais moderno continue a funcionar como o grande catalisador das maiores transformações organizacionais, há uma maior perceção de que a introdução de novos meios ou equipamentos tem que ser acompanhada de desenvolvimentos paralelos, ao nível dos outros elementos funcionais, com um natural enfoque no pessoal e em tudo aquilo que a ele respeita, de forma mais direta (como doutrina, organização, treino e liderança).

Neste mundo dos conceitos, a Grã-Bretanha respondeu com uma variante da versão americana, que inclui treino, equipamento, pessoal, doutrina, organização, infraestruturas e logística, cujas iniciais em inglês dão origem a um acrónimo eventualmente um pouco mais fácil de pronunciar: TEPIDIOIL (*Training, Equipment, Personnel, Information, Doctrine, Organization, Infrastructures e Logistics*).

Não obstante, foi o acrónimo norte-americano que vingou, tendo sido rapidamente adotado por outras nações. A NATO, nos seus esforços de transformação das capacidades militares aliadas, também adotou o conceito, mas acrescentou-lhe mais um elemento: a interoperabilidade, daqui resultando a variante DOTMLPF-I (ou DOTMLPI-I, em língua portuguesa). Com efeito, um dos maiores desafios da NATO é conseguir que as capacidades militares dos 29 aliados possam ser empregues em conjunto e de forma sinérgica, o que implica interoperabilidade. E a interoperabilidade não cai do céu, requer planeamento cuidado e muita atenção e esforço, desde a fase inicial do desenvolvimento de qualquer capacidade. Na realidade, a interoperabilidade é um elemento funcional que deve presidir a todos os outros, i.e., deve corresponder a um atributo de todos os outros elementos de uma capacidade.

Embora esses elementos funcionais sejam, no essencial, autoexplicativos, justifica-se uma breve descrição de cada um deles:

- **Doutrina** consiste no conjunto de princípios fundamentais e de procedimentos que orientam as ações das forças e unidades militares, na condução das suas operações.

- **Organização** corresponde à forma como os elementos da força ou unidade militar estão estruturados.

- **Treino**, aqui entendido de forma abrangente, incluindo: formação, treino individual, treino coletivo e exercícios. A edificação de uma capacidade deve contemplar todo este espectro de treino.

- **Material** abrange todos os equipamentos, instrumentos, aparelhos, peças, *software* e sobressalentes requeridos para a condução das operações.

- **Liderança** é o processo de influência social que potencia os esforços dos elementos envolvidos, na consecução dos objetivos estabelecidos. A importância da liderança está bem espelhada numa célebre frase de Maurice de Talleyrand: “Tenho mais medo de um exército de cem ovelhas liderado por um leão, do que de um exército de cem leões liderado por uma ovelha”.

- **Pessoal** corresponde aos recursos humanos necessários para operar e manter a capacidade em causa.

- **Infraestruturas** inclui bases e instalações que suportam a capacidade.

- **Interoperabilidade**, que deve ser entendida como uma componente transversal a todos os outros elementos funcionais, pois tem que haver interoperabilidade de doutrina, de organização, de treino, de material, de liderança, de pessoal e de infraestruturas.

A principal vantagem deste conceito é deixar de entender as capacidades militares como sendo constituídas apenas pelo material que as corporiza, mas antes como um conjunto agregado de elementos funcionais. Com efeito, pode até discutir-se a adição de outros elementos funcionais. Como vimos acima, o conceito britânico TEPIDOIL incluía a informação e a logística (deixando de fora a liderança). Também os americanos já produziram uma variação do conceito inicial, acrescentando-lhe a Política (*Policy*), dando origem a DOTMLPF-P, em que a *Policy* engloba

Fuzileiros portugueses. O pessoal é um elemento funcional nuclear do conceito DOTMLPI-I.



Foto SAI A. Ferreira Dias

todos os aspetos de política de defesa nacional ou internacional, que podem afetar ou constringer a implementação ou exploração de uma capacidade.

De qualquer maneira, parece-me que os elementos funcionais do conceito original DOTMLPI – com o acrescento da interoperabilidade para o ambiente NATO – cobrem todas as componentes mais importantes de uma capacidade. O que se ganha em acrescentar novos elementos perde-se ao complicar o conceito.

Gostaria de concluir com duas considerações finais.

Em primeiro lugar, importa referir que não se deve olhar para os elementos funcionais de uma capacidade de forma isolada, mas antes em conjunto. Uma forma útil de olhar para este conceito é como sendo um produto dos vários elementos funcionais (e não como a sua soma). Neste entendimento, se se negligenciar um desses elementos funcionais, então o resultado será uma capacidade nula – aplica-se, pois, a propriedade do 0 como elemento absorvente da multiplica-

ção. Concorrentemente, só considerando de forma igualmente relevante todas as componentes é que se consegue desenvolver uma nova capacidade.

Em segundo lugar e para finalizar, gostaria de acrescentar que este conceito – além de extremamente útil para o desenvolvimento de capacidades – é um instrumento extraordinário para praticamente qualquer tarefa de planeamento. Com efeito, sempre que for necessário planear uma nova atividade, pode ser extremamente útil decompor o esforço a desenvolver nas componentes do DOTMLPI-I. Nalgumas vezes, não será necessário aplicar todos os elementos funcionais individuais, mas, de qualquer forma, a aplicação desta ferramenta de planeamento abrirá caminho a aproximações interdisciplinares e abrangentes aos problemas, alargando o esforço de planeamento a perspetivas menos habituais e que são frequentemente negligenciadas.



Sardinha Monteiro
CMG

Curso de liderança na Escola de Fuzileiros. A liderança é um elemento funcional fundamental no processo de edificação de qualquer capacidade.



NRP ZAIRE

COOPERAÇÃO COM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Após ter completado 46 anos de idade no dia 22 de dezembro de 2017, aproximava-se a data de largada do NRP *Zaire* para o novo destino, São Tomé e Príncipe. Navio habitualmente empenhado a operar junto a zonas costeiras em missões de vigilância, patrulha e de segurança marítima, normalmente na Zona Marítima do Norte ou da Madeira, estava agora designado para participar num projeto de cooperação para apoiar a Guarda Costeira de São Tomé e Príncipe numa missão com duração prevista de um ano.

Durante os dois meses que antecederam a missão, o navio efetuou uma intensa preparação, que incluiu o ciclo de manutenções e reparações prioritárias, o aprestamento ao nível do material necessário para missão e sustentação do navio, um plano de treino assistido com a equipa de avaliação do CITAN (fase de terra e mar), e a adaptação de uma nova lotação especial, com 10 fuzileiros a integrarem e desempenharem as funções de bordo em cargos que, por detalhe, eram desempenhados por militares de outras classes.

O NRP *Zaire* largou da BNL no dia 3 de janeiro acompanhado pelo NRP *Bérrio*, após uma cerimónia que fazia jus a mais de 46 anos a desempenhar missões em território nacional.

O trânsito até São Tomé e Príncipe dividiu-se em 3 fases distintas. Nos primeiros 3 dias o navio rumou ao porto de Las Palmas com uma baixa pressão a aproximar-se e a ameaçar a chegada prevista do navio a águas espanholas, pelo que foi decidido alterar o planeamento e aumentar a velocidade de forma a fugir ao mau tempo que se aproximava. No dia 5 de janeiro o navio avistava as luzes de Las Palmas, já sob efeito de ventos fortes de Oeste que ainda deram mostras do temporal que se aproximava, atarracando já perto da meia-noite e aguardando pela chegada do NRP *Bérrio*.

Após dois dias no porto de Las Palmas e efetuado o reabastecimento do navio com recurso ao NRP *Bérrio* (de braço dado), avizinhava-se a segunda fase da viagem, com mais de 1000 milhas por percorrer até à Ilha de São Vicente, em Cabo Verde. Ainda com a predominância de ventos dos setores de Noroeste na ordem dos 25 a 30 nós e uma ondulação que se vinha a prolongar desde os

Açores, o planeamento do navio foi efetuado tentando colocar o mar nos setores de popa, permitindo uma melhor estabilização do navio. No dia 11 de janeiro o navio atracou de braço dado ao NRP *Bérrio* na ilha de São Vicente, em Cabo Verde, onde realizou uma vez mais o reabastecimento de combustível e descansou durante dois dias até ao início da próxima tirada.

Na terceira e última fase do planeamento de navegação, a mais complexa, realizou-se o trânsito de São Vicente até São Tomé e Príncipe, num total de 10 dias de viagem, percorrendo cerca de 2400 milhas.

No último ano e fruto das sucessivas e intensas missões realizadas pelo navio, não havia dúvidas da sua robustez e dureza, mas um trânsito de 10 dias consecutivos e em águas quentes apresentavam-se como um enorme e auspicioso desafio. Além de inúmeros fatores, o controlo moderado da água de bordo (regime de água fechada) e do combustível era essencial para a segurança da tirada, assim como o vento e mar de feição.

O navio largou acompanhado do NRP *Bérrio*. Nos primeiros dias os ventos fortes e predominantes de Nordeste não permitiram cumprir com o planeamento de navegação estipulado, obrigando o navio a ganhar latitudes sul, de forma a ter os ventos mais fracos e aumentando as preocupações num trânsito que não tinha começado da melhor forma. Finalmente, e como calculado, o vento amainou e o navio conseguiu efetuar rumos Este, em direção ao destino final.

No entanto, a tarefa estava longe de ser fácil. Após 4 dias de trânsito tínhamos de reabastecer o navio em alto mar. Face às características dos navios, foi necessário planear o reabastecimento de braço dado com o NRP *Bérrio*, com este a pairar. Sendo esta uma manobra não treinada nem tipificada para esta classe de navios, foi escolhida uma área onde habitualmente, neste período do ano, as condições de mar são geralmente boas e os ventos são fracos. Estas condições permitiram o reabastecimento em segurança.

Com os tanques cheios de combustível e as temperaturas quentes da água do mar a rondarem os 30°C, foi necessário continuar a monitorização permanente e contínua por parte das equipas técnicas de bordo que foram controlando e otimizando os equipamentos.

No dia 22 de janeiro, às 09h00 locais, e 19 dias após a largada do navio de Lisboa, a ilha de São Tomé e Príncipe encontrava-se no nosso horizonte. O NRP *Zaire* atracou no porto da Baía de Ana Chaves, sendo recebido pelas entidades locais e prestado os cumprimentos protocolares habituais.

Nas primeiras duas semanas deu-se início à primeira fase de estabilização e permanência do navio na área de operações, sendo necessário um esforço e empenho adicional de toda a guarnição. Foram inúmeras as tarefas desempenhadas nesta fase, desde os sucessivos desembarques de material proveniente do NRP *Bérrio* (cerca de 80 toneladas). A instalação de duas antenas HF na Guarda Costeira que permitiram restabelecer comunicações de rádio e voz com cobertura em toda a Zona Económica Exclusiva



de São Tomé e Príncipe e com Portugal. Assegurar as condições logísticas e administrativas em terra para a guarnição, a instalação de um quadro elétrico para alimentar o navio ao cais. O melhoramento de algumas infraestruturas nas instalações da Guarda Costeira. A colocação de uma boia de amarração na Baía de Ana Chaves com a especificidade de ter um cabo elétrico proveniente de terra, permitiu ao navio ficar amarrado com energia do cais, evitando assim o desgaste dos geradores de bordo.

Em simultâneo com o trabalho de estabilização e capacitação desenvolvido em terra, decorreu também a primeira integração e o início do aprontamento sanitário dos militares da Guarda Costeira de São Tomé e Príncipe que farão parte da futura guarnição do navio, assim como algumas instruções teórico-práticas de forma a envolver no imediato os futuros elementos da guarnição na rotina de bordo e desenvolver o conhecimento dos vários serviços e secções do navio.

No dia 8 de fevereiro foram recebidos a bordo o Ministro da Defesa Nacional, Professor Doutor José Alberto Azeredo Lopes, e o Ministro da Defesa e Administração Interna de São Tomé e Príncipe, Dr. Arlindo Lopes, tendo sido assinado o Memorando de Entendimento para a missão de capacitação da Guarda Costeira de São Tomé e Príncipe, através do NRP *Zaire* e do Programa-Quadro de Cooperação no Domínio da Defesa entre o Ministério da Defesa Nacional da República Portuguesa e o Ministério da Defesa e Administração Interna da República Democrática de São Tomé e Príncipe para o período de 2018 a 2020. A visita a bordo e a assinatura dos referidos documentos teve ainda a pre-



Assinatura do memorando de entendimento e do programa-quadro da Defesa, a bordo do NRP *Zaire*.

sença do Primeiro-Ministro de São Tomé e Príncipe, Dr. Patrice Trovoada, do Embaixador de Portugal, Dr. Luís Gaspar da Silva, do Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Marcos Perestrello, do CEMFA de São Tomé e Príncipe, GEN Horácio de Sousa, do CEMGFA, GEN Pina Monteiro, do CEMA e AMN, Almirante Silva Ribeiro, do CEME, General Rovisco Duarte, do Comandante Naval, VALM Gouveia e Melo, do Comandante Naval da Guarda Costeira de São Tomé e Príncipe, Comandante Idalécio João, e do coordenador geral do projeto e Diretor do CITAN, CMG Silvestre Correia.



Colaboração do **COMANDO DO NRP ZAIRE**



COOPERAÇÃO TÉCNICO-MILITAR

A IMPORTÂNCIA DOS RECURSOS HUMANOS

Decorrente do contributo de Portugal para o esforço internacional de capacitação dos países do Golfo da Guiné em matéria de segurança marítima e combate às atividades ilícitas no mar, o NRP *Álvares Cabral* realizou entre os dias 7 de fevereiro e 7 de abril, a missão Mar Aberto 2018, na qual teve oportunidade de apoiar igualmente, na República de Cabo Verde e em São Tomé e Príncipe, os projetos de cooperação técnico-militar que se encontram em curso. Neste âmbito, o navio teve oportunidade de promover e realizar várias atividades de cooperação técnico-militar, nas quais ficou mais uma vez demonstrada a elevada importância que os recursos humanos da Marinha desempenham no planeamento, condução e prossecução destas atividades de cooperação.

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

O NRP *Álvares Cabral* visitou São Tomé e Príncipe (STP) no período de 20 a 24 de fevereiro, por forma a apoiar o projeto de capacitação da guarda costeira deste país, tendo levado a cabo diversas ações de treino e de cooperação a bordo com as Forças Armadas deste país. Entre as atividades desenvolvidas, destaca-se o embarque, no dia 23 de fevereiro, de 13 militares da guarda costeira e 15 da força de fuzileiros, com a finalidade de proporcionar, a navegar, diversas ações de formação teóricas e práticas em áreas essenciais para o desempenho de funções a bordo de um navio, tais como, navegação, combate a incêndios e alagamentos, socorrista, suporte básico de vida e ainda na área da mecânica. Por sua vez, o embarque dos 15 militares da força de fuzileiros teve como objetivo promover o treino combinado através de treinos de operações anfíbias.

REPÚBLICA DE CABO VERDE

A fragata *Álvares Cabral* permaneceu na República de Cabo Verde (RCV) entre os dias 5 e 16 de março, praticando o porto da Cidade da Praia, de 5 a 8 de março, e o porto do Mindelo, de 13 a 16 de março. Concretamente, durante os períodos de permanência do navio nos portos referidos, foram ministradas pela guarnição do navio várias formações em diversas áreas de interesse para a guarda costeira da RCV, nomeadamente na área da navegação, combate a incêndios e alagamentos, primeiros socorros e suporte básico de vida, mecânica, eletrotécnica, higiene e segurança no trabalho, proteção de um navio num porto, abordagem a navio suspenso, e ações de desembarque anfíbio.



Fotos Luís Melão

Por seu turno, entre 8 e 13 de março, o navio realizou ações de patrulha e fiscalização conjunta com as autoridades deste país, nomeadamente com a sua Guarda Costeira, Polícia Marítima e Inspeção das Pescas nas suas águas de jurisdição, à luz dos acordos estabelecidos entre os dois Estados. Também neste período, e em simultâneo às ações de fiscalização marítima conjunta realizadas, foram efetuadas durante a navegação várias formações e treinos conjuntos entre os Pelotões de Abordagem da Marinha Portuguesa e da Marinha Cabo-verdiana embarcados, tendo em vista a partilha de conhecimento, experiência e capacidades, por forma a fazer face aos diversos cenários de abordagem a embarcações em situação de previsível infração.

ELEMENTO CHAVE PARA O SUCESSO: A QUALIDADE DOS RECURSOS HUMANOS DA MARINHA

O cumprimento de todas estas atividades de cooperação técnico-militar apenas foi possível devido à existência de militares na guarnição do NRP *Álvares Cabral* e, por conseguinte, na Marinha Portuguesa com competência, experiência e conhecimento nas suas áreas específicas, e que colocaram todo o seu empenho e profissionalismo em formar e apoiar os seus camaradas congéneres, em troca de um bem comum, que é o fomento da cooperação. Com efeito, num Mar cada vez mais “Aberto”, a obtenção da segurança marítima e o eficaz combate às atividades ilícitas no mar apenas será possível através da partilha de conhecimento e cooperação entre os países, sendo que os recursos humanos desempenham um papel fundamental na fomentação dessa cooperação.





A DIMENSÃO HUMANA DA MARINHA



A DIMENSÃO HUMANA DA **MARINHA****O ENSINO NA ESCOLA NAVAL**

Some important elements of successful navigation cannot be acquired from any book or instructor. The science of navigation can be taught, but the art of navigation must be developed from experience.

(American Practical Navigator, 2017)

Em Portugal, o ensino teórico da navegação nasceu com Pedro Nunes. O título que deu à obra que publicou em 1573, *De arte atque ratione navigandi* (que se pode traduzir como: *Sobre a arte e ciência da navegação*), mostra que o cosmógrafo-mor percebeu bem que existiam duas formas distintas de abordar as questões náuticas: uma teórica e outra prática. Esta dialética entre teoria e prática manteve-se até aos nossos dias, como se pode verificar no texto acima, incluído na edição do ano passado da obra mais relevante sobre navegação, publicada nos EUA. A questão tem estado sempre presente ao longo da nossa história. A título de exemplo, vale a pena mencionar o caso da fundação da Escola Naval. A mesma nasceu em 1845, como consequência de uma acesa polémica, em 1842, entre «teóricos» e «práticos» do ensino náutico. A discussão manteve-se viva e em 1847 foi aprovado um novo plano de estudos, que alterava profundamente o modelo de ensino, mas que não chegou a entrar em vigor. Diz o povo: «No meio é que está a virtude», provérbio que se aplica perfeitamente aqui.

A Escola Naval é um estabelecimento de ensino superior e os seus alunos têm que atingir os requisitos obrigatórios para obtenção dos respetivos graus académicos. Nem pode ser de outro modo, a lei define que para ser oficial das Forças Armadas tem que se ser detentor de um determinado grau, dependente da classe que esse oficial integrar. Além disso, os militares estão sempre na vanguarda da tecnologia e operam em ambientes complexos, em termos políticos e sociais. Por este motivo, devem incorporar nas suas fileiras elementos detentores de conhecimentos de nível superior em diferentes áreas científicas, sendo esse papel assumido pelos oficiais.

Mas um oficial da Marinha é muito mais que um académico. Fez um juramento de servir a Pátria, doando, se necessário, a sua vida. Pauta a sua conduta por um Código de Honra, comum a todos os militares. Tem como referência um conjunto de virtudes: Abnegação, Camaradagem, Coragem, Disciplina, Espírito de Corpo, Honra, Justiça, Lealdade ou Tenacidade, entre outras. Deve garantir uma total disponibilidade para o serviço e tal implica manter uma capacidade física para desempenhar as suas funções em ambientes inóspitos e situações extremas.

Nas imagens que complementam este texto apresentam-se exemplos da atividade académica, nomeadamente através de



projetos de investigação levados a cabo por docentes e discentes da Escola Naval e da vertente da formação militar, naval e de caráter, que se materializa em provas desportivas, exercícios de campo, atividades náuticas, e tarefas coletivas de índole diversa.

GUARNIÇÕES “TALENTOSAS” E INFORMADAS

É fácil compreender que as guarnições constituem o principal recurso de qualquer unidade naval da Marinha Portuguesa. Para além de todas as outras e variadas razões que possam existir, é determinante que assim seja, especialmente a bordo de navios com guarnições pequenas como é o caso do NRP *Viana do Castelo*.

Quando chegam a bordo estes militares, depois de terem passado por um processo de recrutamento exigente que permitiu à Marinha recrutar e reter os melhores, a diversidade de tarefas que vão encontrar é muito vasta, desde a função principal de marinheiros, passando pelas funções secundárias de ecologistas, agentes de fiscalização, bombeiros, socorristas e diplomatas. Em algumas missões, como foi o caso da operação TRITON no Mediterrâneo, até educadores de infância tiveram que ser. Neste contexto, descobrem capacidades próprias que desconheciam possuir. Em missões de fiscalização podem ser, também, formadores em lançamento de sinais pirotécnicos e primeiros socorros.

A comunicação interna é outra vertente da máxima importância a bordo dos navios. Neste âmbito, a comunicação descendente é um elemento chave merecedor da maior atenção e cuidado. Interessa, acima de tudo, assegurar que o processo de comunicação interna optimize o cumprimento da missão atribuída ao navio contribuindo, ativamente, e de forma relevante para o reforço da imagem e sentimento de utilidade pública da Marinha junto dos portugueses.

Em suma, devemos e podemos estimular o “talento” que há nos nossos militares para que sejam capazes de feitos extraordinários, de se excederem a si próprios, como também mantê-los sempre informados de forma a manter um navio positivo, isto é, com uma Guarnição motivada e sempre pronta para os desafios de qualquer missão. Nesta ótica, a crença no talento e na informação, têm que ser absolutamente inabaláveis.



Foto Rui Carra

OS MILITARES DO CITAN NO APOIO À ESQUADRA

O Centro Integrado de Treino e Avaliação Naval (CITAN) tem por missão assegurar a responsabilidade pelo treino e avaliação das unidades navais e forças navais, pelo estudo e análise da doutrina e procedimentos associados à tática e operações navais, pela formação nas áreas da tática e operações navais e pelo apoio às operações navais.

Para assegurar a sua missão o CITAN dispõe de cerca de 80 militares, com as necessárias qualificações, adequada formação e experiência acumulada, bem como um conjunto de qualidades pessoais e profissionais dignas de realce, condições imprescindíveis para que esses militares se constituam como uma referência para a Esquadra, aquando da realização dos planos de treino dos navios, em terra e no mar, das ações de formação realizadas e no estudo e aplicação da doutrina e procedimentos táticos.

Importa salientar a elevada e permanente motivação dos militares que prestam serviço no CITAN, alimentada



A DIMENSÃO HUMANA DA MARINHA



pelo sentimento de realização alcançado, quando, decorrente da sua ação, se verifica nas unidades navais em particular e na esquadra em geral o aumento do conhecimento, da confiança e proficiência na realização das tarefas, individualmente e em equipa e, conseqüentemente, a elevação dos seus níveis de desempenho na resolução dos desafios diários.

Esse estado final, alcançado após a conclusão dos planos de treino, é resultado da conjugação da determinação demonstrada pelas guarnições dos navios e da persistente e rigorosa ação dos recursos humanos do CITAN, na prossecução dos Padrões de Prontidão para cada classe de navios.



OS RECURSOS HUMANOS NO APOIO OFICINAL

As ações de manutenção das Unidades Navais (UN) são fundamentais para o cumprimento das missões e tarefas que estão cometidas à Marinha. Continua a ser imperioso maximizar o binómio custo-eficácia nesta área, à medida que determinadas classes de navios estão a chegar ao fim do seu ciclo de vida e unidades mais recentes procuram consolidar os seus novos padrões. Neste quadro, assume particular importância a manutenção do 2º escalão, cuja realização atempada e com a qualidade adequada, contribui de forma decisiva para o aprontamento das UN e, posteriormente, para a sua sustentação durante o cumprimento da missão.

Assim, e de acordo com o Despacho nº 14/97 do Almirante CEMA de 14 de março, a criação do Serviço de Apoio a Navios (SAN) da Flotilha veio integrar uma série de recursos produtivos, abrangendo prioritariamente os sistemas da plataforma. Ao longo dos anos, o SAN tem sido reforçado em recursos humanos e novas valências oficiais, vincando cada vez mais a sua importância no apoio direto à esquadra, procurando constituir-se como um facilitador das UN de forma a que estas se possam concentrar no seu principal objetivo, ou seja, o cumprimento da missão.

O SAN, atualmente integrado na Esquadilha de Navios de Superfície, proporciona um vasto leque de prestação de serviços de apoio oficial, fornecendo ao pessoal de bordo meios adequados (ferramentas e equipamentos não disponíveis a bordo) enquanto assegura o acompanhamento técnico dos trabalhos a efetuar e colabora na identificação das melhores soluções de reparação.



O SAN é hoje um polo de apoio oficial constituído por 52 elementos (38 militares e 14 civis), que providencia apoio de manutenção do 2º escalão nas áreas de serralharia/soldadura; frio; eletricidade; equipamentos de osmose inversa; máquinas e ferramentas especiais; embarcações e semirrígidas, quer ao nível da mecânica dos motores, quer no âmbito dos flutuadores e cascos; e ainda pantografia. De forma a acorrer a qualquer situação urgente, o SAN assegura a existência, em permanência, com capacidade de intervenção imediata sempre que esteja em causa a segurança ou a prontidão de qualquer UN operacional com missão atribuída.

Por último, é ainda de mencionar que, devido à excelência do seu trabalho e ao reconhecimento da sua competência, todos os anos, estagiários nacionais e estrangeiros recorrem às capacidades do SAN, nomeadamente na área da soldadura, para incrementar e consolidar os seus conhecimentos.



UMA BASE NAVAL COM GRANDE DIMENSÃO HUMANA

A Base Naval de Lisboa (BNL) é um órgão de base da Marinha, que assegura as atividades relacionadas com o apoio logístico às unidades operacionais, bem como o apoio a outras unidades e organismos situados na sua área de responsabilidade, incluindo a manutenção e segurança de instalações de uso comum.

- Neste âmbito, assegura a distribuição e a manutenção de uma rede elétrica que fornece cerca de 25 GWh de eletricidade por ano a toda a BNL.
- Fiscaliza o acesso de mais de 5000 viaturas e 8000 pessoas por dia.
- Fornece mais de 2000 refeições por dia.
- Assegura a Limitação de Avarias e a vigilância permanente numa extensa área que atinge os 440 hectares, e que se confronta com três municípios, Almada, Seixal e Lisboa.
- Garante a limpeza, a manutenção e a segurança de uma mata com mais de 100 hectares.
- Aloja mais de 600 pessoas.
- Apoia cerca de 750 manobras de atracação e largada por ano.
- Capta nos seus furos, trata e distribui cerca de 50.000 m³ de água por mês.

E faz tudo isto num contexto de alguma escassez de recursos. Consegue fazê-lo porque tem, como é apanágio da Marinha, militares, militarizados e civis altamente qualificados, motivados e empenhados em cumprir a missão de apoiar os navios e as unidades sedeadas no Alfeite. A guarnição da BNL orgulha-se, assim, de servir a sua Marinha. Não menos importante, em 2018 comemora-se o Centenário da instalação da Marinha no Alfeite e os 60 anos da Base Naval de Lisboa. Esteja presente!



Foto José Fodista

OS MERGULHADORES DA MARINHA E AS SUAS VALÊNCIAS



Foto Miguel A. Lopes

Compete à Esquadilha de Subsuperfície (ES) promover e assegurar o aprontamento e o apoio logístico e administrativo das unidades navais e de mergulhadores que lhe estejam atribuídas, nomeadamente no âmbito das tarefas relacionadas com as capacidades submarina, mergulhadores, inativação de engenhos explosivos e guerra de minas.

Ao Agrupamento de Mergulhadores, organizado em três Destacamentos de Mergulhadores Sapadores (DMS), cabe uma fatia importante destas competências, designadamente executar operações avançadas de deteção e inativação de engenhos explosivos (responsabilidade do DMS nº1), executar trabalhos de salvagem marítima nomeadamente reflutuações, reparações/manutenções dos navios da Marinha e corte e soldadura subaquática (responsabilidade do DMS nº2) e, no âmbito da capacidade de guerra de minas, operar veículos autónomos subaquáticos (responsabilidade do DMS nº3). Para além destas capacidades, este Destacamento constitui a Equipa de mergulho profundo da Marinha cuja capacidade atual, permite mergulhar até uma profundidade máxima de 81 metros.

Submetidos a formações específicas e a treinos rigorosos e frequentes, os militares deste Agrupamento de Mergulhadores, para além da elevada motivação e de cultura operacional própria, possuem valências que são utilizadas em várias missões no âmbito militar, busca e salvamento e apoio à comunidade civil.

A DIMENSÃO HUMANA DA **MARINHA**

“SILENCIOSAMENTE AO SERVIÇO DE PORTUGAL”

Os submarinos, por operarem em imersão, são de muito difícil deteção e identificação e, como tal, disponibilizam uma componente de imprevisibilidade ímpar às Marinhas que os operam.

Por outro lado, o seu poder combatente, seja ele através dos torpedos pesados filo-guiados ou através de mísseis que possibilitam o ataque a navios ou alvos em terra a enormes distâncias, permite caracterizá-los como uma das capacidades militares mais relevantes ao serviço de Portugal.

Esta imprevisibilidade, discrição e letalidade tornam, o submarino como um instrumento credível da dissuasão militar portuguesa por obrigarem, um possível adversário, a reunir uma força naval devidamente treinada e com uma dimensão considerável para o enfrentar com um mínimo de probabilidade de sucesso.

Numa situação de crise, as características singulares do submarino, possibilitam a sua operação sem condicionar o nível político e sem aumentar a tensão militar.

Mas, por mais poderosa que seja a arma e quaisquer que sejam os seus automatismos, o seu desempenho acaba por ser sempre dependente do fator humano.

Os submarinistas são marinheiros altamente especializados que operam em navios com reduzidas condições de habitabilidade e privacidade, num meio extremamente hostil, e que cultivam diariamente a capacidade de antecipar, evitar e corrigir eventos inesperados, atributos que caracterizam as organizações de alta fiabilidade.

Por realizarem missões em imersão durante longos períodos, enfrentam e ultrapassam a pressão psicológica que decorre da envolvente em que operam e que resulta no isolamento do mundo exterior e, muito em particular, na impossibilidade de comunicar com aqueles que deixaram.



Por isso, consideram-se especiais, não melhores ou piores, são unicamente diferentes, confiantes, focados na missão, pragmáticos, informais, resilientes e com elevado autodomínio, mas que fazem sempre jus ao seu lema:

“Silenciosamente ao serviço de Portugal”.



UMA UNIDADE COM ASAS

A Esquadrilha de Helicópteros (EH) resulta de uma combinação de pessoas, tecnologia e cultura institucional, integradas com o objetivo de aprontar e disponibilizar a componente aérea da Marinha. Sendo o emprego operacional das aeronaves o produto mais visível de todo o trabalho desenvolvido, é nos militares que prestam serviço na EH que reside o motor que garante a sustentabilidade desta unidade única.

Esses militares adquirem na formação teórico-prática e na experiência profissional, os conhecimentos e as competências necessárias para o desempenho das suas tarefas, que associadas a uma vencedora cultura aeronáutica de rigor e segurança, permitem alcançar excelência e satisfação no trabalho. Se a estes ainda juntarmos que muitos dos militares da EH têm permanecido nela por períodos alargados de tempo, percebe-se a elevada proficiência demonstrada por esta pequena, mas altamente especializada esquadrilha, que nos últimos 25 anos já cumpriu mais de 22.000 horas de voo sem acidentes.

Embora seja no seio da Base Aérea n.º 6 no Montijo que a EH tem a sua casa, é no mar, através dos Destacamentos de Helicópteros, que o seu produto operacional se torna visível. Os Destacamentos são unidades operacionais constituídas por 13 elementos, que englobam dois pilotos, um operador de sistemas um recuperador-salvador e a equipa de manutenção, prontos para embarcar nas unidades navais. Sendo o regime de embarcado muito exigente para a equipa e respectiva aeronave, a geração de um Destacamento obedece a



um rigoroso processo de aprontamento de pessoal e material.

Na Esquadrilha, as oportunidades são iguais para todos, independentemente do género, procurando-se garantir que a procura de posições de maior responsabilidade seja algo motivador e aliante. Assim, só com profissionalismo individual e coletivo, aliados à defesa dos valores militares e à promoção do espírito de equipa, se consegue que a valorização humana e profissional sejam fatores de maior importância para o crescimento não só do próprio militar, mas também da unidade que dá Asas à Marinha.



A SINGULAR DINÂMICA PESSOAL E FAMILIAR DO OPERACIONAL DO DAE

O ingresso no Destacamento de Ações Especiais (DAE) é um processo prolongado e muito exigente, quer em termos físicos quer psicológicos. Uma vez obtidas as qualificações para prestar serviço na Unidade, sucede um contínuo ciclo de treinos, exercícios e missões – ciclo este que se prolonga, ininterruptamente, por vários anos. A confidencialidade e a natural discrição que rodeia as atividades do DAE, ainda assim, deixam transparecer a elevada exigência física e técnica imposta aos elementos da unidade, mas menos reconhecido, embora não menos relevante, é o grau de exigência imposto às famílias dos homens que servem a Marinha no DAE.

A família e o círculo próximo de amigos constitui-se, aliás, como um potenciador do desempenho do militar e da adaptação necessária perante um quadro de atividades preenchido de risco e incerteza, sob elevada exigência de desempenho. Desde logo, o stress que acompanha as atividades de risco, stress reiterado e prolongado no tempo, exige, mais do que simples sangue frio, uma robusta estabilidade psicológica com alicerces numa vida social e familiar equilibradas. Note-se que, como em qualquer profissão, uma perturbação grave da vida pessoal condiciona o desempenho profissional, no entanto, no caso do operacional do DAE, tal pode traduzir-se em risco para a vida do próprio e dos seus camaradas.



São, também, as famílias muitas vezes postas à prova pelas circunstâncias profissionais dos operacionais do DAE – para as quais não se voluntariaram diretamente, tal como aqueles o fizeram, mas que, na maioria dos casos, assumem como suas. Trezentos e sessenta e cinco dias por ano, todos os operacionais do DAE têm que se manter contactáveis e disponíveis, sempre. Mesmo nos períodos mais folgados, a disponibilidade e a prontidão para se apresentarem na Base é de poucas horas. A agravar a exigência sobre as famílias, as missões são, na sua maioria, sem pré-aviso e sem data marcada para termo. A área e o tipo de missão nunca é partilhado e o militar mantém-se incontactável durante toda a operação. Factos facilmente geridos nas primeiras ocorrências, mas, quando reiterados, ao longo dos anos tornam-se profundamente desgastantes.

Assim, o militar do DAE, tal como qualquer militar da Marinha, depende e é obrigado a contar com a família como a retaguarda que lhe garante uma parte essencial das condições para cumprir a sua missão – mas, tal como o grau de exigência imposto aos operacionais do DAE é excecional, também as vivências das suas famílias são singulares.



O FATOR HUMANO NOS ACORDOS LOGÍSTICOS INTERNACIONAIS

A Direção de Abastecimento (DA) prevê no respetivo regulamento interno a participação e a garantia da “execução dos acordos logísticos celebrados com (...) organismos e agências internacionais”, o que inclui a participação ativa em diversos eventos tutelados pela NATO, designadamente, os programas da *NATO Support and Procurement Agency* (NSPA).

A Marinha, através da DA, intervém ativamente naquela Agência como membro do *COMMIT Support Partnership Committee* (CPC), considerando as diversas participações nos *meetings* da *NATO Logistics Stock Exchange* (NLSE), nas componentes naval e aérea.

É neste contexto que a representante da Marinha nesses eventos considera o papel da Marinha essencial na prossecução da função logística, sendo que, do ponto de vista estratégico, como é referido pelos membros das diversas nações, surge o lema, ainda que informal, “*bringing the NATO community closer*”, refletindo o desígnio do mar na “união dos continentes e no progresso da Nação”.

Em 1994, ano em que ingressou na Marinha com enorme vontade de ser bem sucedida e vincar a sua passagem pela organização, a Vanda Freitas jamais suspeitava vir a participar nestes eventos e a guarnecer, sustentada pela decisão da cadeia de Comando e pela estrutura técnica da DA, a “frente de combate” nas transações entre as nações membros da NATO, e cumprir com o principal *core* da Divisão de Obtenção da DA, “prospecionar o mercado com vista à obtenção e conseqüente cumprimento do abastecimento naval”.

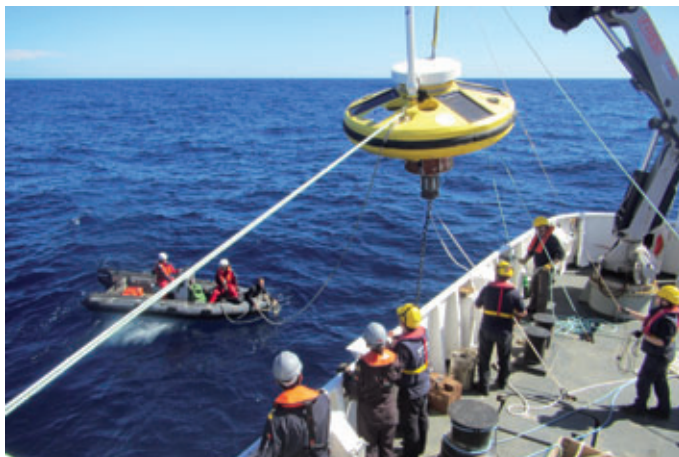


Participação da Marinha no 20th Naval Systems User Group, organização da Marinha Portuguesa, na cidade do Porto

Desta forma, em todos os *meetings*, “aproveitamos para rentabilizar os *stocks* internos, através da comercialização para as outras nações, que, pela evolução da esquadra, deixaram de ter aplicabilidade na Marinha”. Finalmente, ainda que estas funções decorram do seu cargo de encarregada na Subsecção de Contratação Especial, o respetivo sucesso na participação nos *meetings* internacionais “apenas é possível pelo trabalho coordenado de diversos intervenientes da DA, em especial a Divisão Operacional e Técnica”.

A realização profissional individual da dimensão humana “passa pela eficiência que as organizações, no geral, e a Marinha, em particular, retiram do nosso desempenho”.



A DIMENSÃO HUMANA DA **MARINHA****A INVESTIGAÇÃO NO INSTITUTO HIDROGRÁFICO**

O mapeamento e monitorização dos mares e dos oceanos é uma oportunidade de explorar os fundos marinhos e incrementar o conhecimento e a previsão operacional.

Os recursos humanos do Instituto Hidrográfico (IH) são fundamentais para a missão de garantir a segurança da navegação, a proteção do meio marinho, a resposta a catástrofes ou contribuir para o uso e exploração sustentável do oceano, trabalhando em terra ou no mar, com elevada prontidão, independentemente

das condições marítimas.

Só com o empenho, disponibilidade e competências dos militares e civis do IH é possível manter uma rede de boias meteorológicas do sistema integrado de monitorização em tempo real, realizar levantamentos hidrográficos e geofísicos, assim como estudar as propriedades físico-químicas e identificar os contaminantes do meio marinho.

**CAPITAL HUMANO NA ÁREA FINANCEIRA – UM ATIVO INTANGÍVEL E INFUNGÍVEL**

Atualmente prestam serviço na Superintendência das Finanças e nas suas Direções 101 colaboradores, dos quais, 30 mulheres e 71 homens.

Os colaboradores da Superintendência desempenham a sua atividade em dois eixos distintos, o eixo interno, onde colaboram na Administração Financeira da Marinha e o eixo externo onde assumem a representação da Marinha junto de entidades externas, como o Tribunal de Contas, a Autoridade Tributária, entre outras.

No desempenho das atividades internas da Marinha, os colaboradores da Superintendência procuram desenvolver o espírito de colaboração e confiança com as Unidades e Órgãos da Marinha, pois só assim é possível contribuir para a gestão dos recursos financeiros da Marinha durante as fases de planeamento, execução e controlo, incrementando a economia, a eficiência e a eficácia da utilização dos recursos públicos colocados à disposição da Marinha. Ainda nas atividades internas da Marinha, são os recursos humanos da Superintendência das Finanças que garantem mensalmente o processamento, liquidação e pagamento dos vencimentos e outros abonos aos militares, militarizados e civis da Marinha e da Autoridade Marítima Nacional.

No plano externo, os colaboradores da Superintendência procuram conservar o capital de confiança conquistado junto das demais entidades que se relacionam com a Marinha no âmbito financeiro e, sempre que possível, desenvolvê-lo.

O enquadramento normativo e as necessidades de reporte de informação externa têm sido fatores determinantes para o incremento da complexidade das atividades relacionadas com as áreas financeiras. O espírito e trabalho de equipa, a colaboração



entre as Direções da Superintendência e a cooperação com os demais organismos da Marinha têm sido essenciais para o desenvolvimento de três fatores críticos de sucesso: o conhecimento, as competências e a experiência.

A realidade atual, contudo, apresenta grandes desafios como a implementação do Sistema de Normalização Contabilística e do Módulo de Recursos Humanos e Vencimentos do Sistema Integrado de Gestão da Defesa Nacional. Este ambiente em constante mutação, obriga a um trabalho diário no desenvolvimento de qualificações. É neste âmbito que a Superintendência das Finanças está empenhada em criar condições para motivar os seus colaboradores a desenvolver as suas competências.



CENTRO DE MEDICINA SUBAQUÁTICA E HIPERBÁRICA – MERGULHE, PELA SUA SAÚDE!

O Centro de Medicina Hiperbárica foi oficialmente criado em 1989, fruto do reconhecimento dos benefícios inerentes à prestação de apoio terapêutico aos acidentados de mergulho em centro hiperbárico sediado em ambiente hospitalar. Pretendia-se igualmente potenciar o desenvolvimento de ações nas áreas do ensino, formação e treino, aos militares envolvidos em atividades operacionais.

Com o Decreto-Lei nº 233/2009 passou a designar-se Centro de Medicina Subaquática e Hiperbárica (CMSH), sendo um órgão de execução de serviços da Marinha.

O Centro de Medicina Subaquática e Hiperbárica tem como principal missão o apoio às atividades operacionais do Ramo, disponibilizando a sua capacidade sobranse de atuação para o apoio terapêutico à Sociedade Civil.

No âmbito da atividade operacional, compete aos médicos do CMSH assegurar a atividade do Serviço de Saúde da Esquadilha de Subsuperfície e garantir o apoio operacional à atividade relacionada com o mergulho profundo.

Dentro da sua esfera de atuação em benefício do setor populacional civil, presta apoio no tratamento dos acidentes de mergulho e, no âmbito da medicina hiperbárica, proporciona apoio terapêutico com oxigénio hiperbárico a doentes sofrendo de patologias médicas e cirúrgicas suscetíveis de melhorar com este tipo de terapêutica.

No que concerne aos indicadores de atividade do Centro, tem-se verificado uma evolução crescente da atividade clínica desenvolvida, com incremento gradual no número de tratamentos efetuados. São habitualmente realizadas 5 sessões diárias de tratamentos de rotina com Oxigenoterapia Hiperbárica. Fora do horário normal do serviço, o Centro assegura uma escala de urgência que permite responder às solicitações clínicas urgentes e no apoio ao doente crítico.

O Centro garante também a resposta a um conjunto crescente de solicitações para a realização de ações formativas no âmbito do Ensino Pré e Pós-Graduado, *Workshops/Jornadas* de Medicina Hiper-



bárica e Subaquática e Sessões Clínicas em Hospitais Cívicos. No plano de atividades de formação contínua na Marinha, o Centro colabora na realização de cursos no âmbito da Medicina Hiperbárica e Subaquática, nomeadamente Estágio Básico em Medicina do Mergulho.



OS RECURSOS HUMANOS NA MANUTENÇÃO DA REDE DE COMUNICAÇÕES DA MARINHA

Os Recursos Humanos qualificados são fundamentais no processo de renovação e modernização da infraestrutura tecnológica e dos ativos de rede que compõem as camadas de topo da RCM (Distribuição) e mantêm uma permanente atividade de

monitorização e fiscalização técnica, tendo em vista garantir a sustentação desta infraestrutura, tornando a rede mais rápida, robusta e resiliente.



Fotos SAJ A. Ferreira Dias

1º JURAMENTO DE BANDEIRA DE MULHERES NA MARINHA

25 ANOS



Vinte cinco anos passados sobre a primeira incorporação de mulheres, a Marinha assinalou no passado dia 9 de fevereiro o primeiro juramento de bandeira de mulheres marinheiras. Foi exatamente no dia 9 de fevereiro de 1993 que juraram bandeira homens e mulheres da incorporação que pela primeira vez integrava mulheres praças. A efeméride nasceu da iniciativa da ex-militar enfermeira Gina Moreira, que contactou a Marinha com o objetivo de tornar este 25º aniversário memorável. O evento, presidido pelo Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, à data VALM Mendes Calado, contou com a presença do Superintendente do Pessoal, VALM Novo Palma, da Presidente da Câmara Municipal de Almada, Doutora Inês Medeiros, da Presidente da Comissão para a Igualdade de Género, Doutora Teresa Fragoso, e da Coordenadora da Equipa Interdepartamental para a Igualdade de Género do Ministério da Defesa Nacional, Doutora Isabel Elias da Costa.

Na sua alocução de abertura da sessão o VALM Superintendente do Pessoal, recordando o impacto da integração de mulheres na organização referiu: *“A Marinha, como organização estruturada que é, e que tem incrustada na sua cultura a preparação em terra para o cumprimento da missão no mar, adaptou-se, alterou os navios para integrar as mulheres nas guarnições, elaborou regulamentos, desenhou uniformes próprios para as mulheres, preparou os que cá estavam para uma nova realidade (...) fez o que tinha a fazer para vencer com sucesso, como tantos outros, um desafio que tinha pela frente. (...) Cumpre, pois, nestas palavras de abertura, manifestar o orgulho que temos como instituição na capacidade que demonstrámos, e que demonstramos todos os dias, de nos adaptarmos a novas situações e à evolução social”.*

Para esta efeméride a Marinha preparou uma sessão evocativa dedicada particularmente às primeiras 39 marinheiras, introduzida pela CTEN TSN-LING Carla Marinho, atual chefe do Gabinete de Perspetiva de Género. No auditório sentia-se o entusiasmo do reencontro com o passado e a alegria de quem recorda com saudade as emoções e experiências então vividas. Para esta sessão foi oradora especialmente convidada a Professora Doutora Anália Torres, fundadora e coordenadora do Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP), que aceitou prontamente o convite para falar sobre um tema ao qual tem dedicado grande parte da sua carreira. Na sua alocução a Professora Anália Torres reforçou a importância do papel das mulheres em todas as áreas profissionais, em especial naquelas que são maioritariamente ocupadas por homens, como ainda é o caso das Forças Armadas.

O VALM Vice-Chefe de Estado-Maior da Armada encerrou a primeira parte deste evento, que se prolongou até ao jantar, fazendo-se acompanhar pelos convidados que o seguiram para assistir à cerimónia de descerramento da placa alusiva à efeméride e a que se seguiu uma visita à Escola de Tecnologias Navais e ao NTM Creoula.

O texto que se transcreve de seguida foi escrito pela ex-militar Leonor Sequeira, oriunda da primeira incorporação de marinheiras. A enfermeira Leonor Sequeira especializou-se na classe de Abastecimento e mais tarde, em 1995, ingressou no curso de enfermagem, tendo terminado o curso em 1998 e ingressado na categoria de sargentos como enfermeira. O seu testemunho foi um dos partilhados neste dia.



Foto 1SAR ETC Silva Parracho



“Fez precisamente 25 anos que me alistei na Marinha. Ser marinheira nunca foi um sonho, até porque até então nunca tinha sido possível a uma mulher ingressar na Marinha de Guerra Portuguesa. Ser marinheira foi uma oportunidade que surgiu quando eu tinha 18 anos, acabadinhos de fazer, após não ter conseguido entrar para a Universidade. Jovem, 3ª filha de uma família com poucos recursos financeiros, considerei que ser militar da Marinha seria uma forma de progredir nos estudos e de autossustento. Assim, concorri, fiz os testes médicos e psicotécnicos. Fui selecionada.

Recordo-me bem do dia em que fui contactada e informada de que tinha sido selecionada. Foi com uma alegria imensa, quase em êxtase, que recebi a notícia! Toda a minha família festejou aquele acontecimento. Então, a 21 de dezembro de 1992, assentei praça na antiga Escola de Alunos Marinheiros, em Vila Franca de Xira. Foi um dia cheio de emoções fortes. Dentro de mim percebia sentimentos de incerteza, dúvida, mas ao mesmo tempo de grande alegria. Deixava para trás, pela primeira vez na minha vida, a minha família, os meus amigos e o conforto do meu lar. Não fazia ideia do que me esperava. Seria capaz de aprender a marchar? Seria capaz de aprender a manusear uma arma de fogo? Teria a resistência física necessária para as aulas de infantaria e educação física? Aprenderia a nadar? Mas ao mesmo tempo sentia uma alegria quase eufórica. Eu, uma simples jovem, oriunda de uma terra rural, do planalto escalabitano, estava assistindo e fazendo História: pertencia à primeira incorporação de mulheres na Marinha.

Recordo a expressão angustiada do meu pai nesse dia, à entrada do Centro de Recrutamento da Armada. – Porta-te bem, tem cuidado! Assim que puderes, telefona. Foram as suas palavras. Mais um filho deixava o ninho. Sabia que estava bem entregue, mas ver a sua menina ingressar num mundo e numa profissão tipicamente masculina deixava-o apreensivo. Mas tudo correu bem. Com mais dificuldades numas atividades, e menos noutras, consegui completar com sucesso a recruta.

A 9 de fevereiro de 1993 eu, juntamente com os meus camaradas femininos e masculinos, jurámos bandeira!

Nesse dia o compromisso com a Pátria englobava o sacrifício da própria vida... Muitas reflexões se fizeram entre os recrutas, antes do dito juramento. Estaríamos verdadeiramente dispostos a sacri-

ficar a nossa vida pela Pátria? Uma inscrição numa roda do leme gigantesca na Escola de Alunos Marinheiros dizia: “A Pátria honrai que a Pátria vos contempla”. Ficaria a nossa Pátria contemplando os seus militares enquanto sacrificavam as suas vidas? Só uns anos mais tarde compreendi o verdadeiro significado do “sacrifício da própria vida”, quando assisti a camaradas falharem funerais de entes queridos, a conhecerem os seus filhos já com meses de idade, quando passei natais e passagens de ano fora de casa de serviço, servindo... (..).

Quando estive embarcada, passámos semanas a fio em mar alto, com mau tempo (malagueiro, em linguagem da Marinha) em busca de embarcações desaparecidas, dando apoio a tanta gente que necessitava de socorro.

Hoje, digo com nostalgia, já não sou militar. Dei à Marinha os meus melhores anos. Mas, a Marinha deu-me muito mais do que imaginei quando me alistei.

Foi na Marinha que aprendi a minha profissão. Também aqui fui pioneira, pois pertenci ao primeiro curso de Bacharelato de Enfermagem que teve alunas militares femininas da Armada, na antiga Escola do Serviço de Saúde Militar. Completei o curso em 1º lugar. Fui a primeira mulher a atingir o posto de Sargento. Sargento Enfermeiro! Que orgulho. Quando, ainda hoje, me perguntam onde obtive a minha formação académica, respondo com orgulho: Escola do Serviço de Saúde Militar, e obtenho sempre reações de admiração e curiosidade.

Ainda na Marinha, conheci o meu marido, casei, tive uma filha (hoje já são dois), conheci gente incrível, com quem posso sempre contar, mesmo passados tantos anos de ter abandonado a família militar, lá aprendi o significado de “espírito de corpo”, o “aguenta sempre”, “à hora sai”, o respeito pelas hierarquias, a importância da pontualidade ... Ferramentas que ainda hoje me são úteis. Mas é da camaradagem e modo de ser militar, que não sei explicar o que é, que tenho mais saudades.

Hoje, graças à Marinha, continuo a servir a minha Pátria, não no contexto militar, mas hospitalar, cuidando de quem mais precisa.

Gostaria de terminar a minha reflexão desejando PARABÉNS a todas as MISEFES, MIFES que ainda hoje se mantêm no ativo! São exemplos de cidadania e de coragem! Bem hajam!”



Dia Internacional da Mulher na **MARINHA**

O Ano Internacional da Mulher foi instituído oficialmente pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975, há pouco mais de 40 anos, na I Conferência Mundial sobre a Mulher, na Cidade do México, num ano completamente dedicado à condição da mulher um pouco por todo o mundo, na sequência de convulsões económicas e sociais que, em crescendo e desde o início do século XX, foram pondo em evidência a fragilidade da condição social da mulher e dos seus direitos. Foi em função da necessidade de tornar a sociedade progressivamente mais consciente desta realidade que, em dezembro de 1977, a Assembleia Geral da ONU, através de resolução, proclamou um Dia das Nações Unidas para os Direitos das Mulheres e para a Paz Internacional, a ser celebrado por cada um dos Estados Membros, numa data a eleger por cada nação, de acordo com as suas tradições. Para a ONU, o dia Internacional da Mulher é comemorado a 8 de março, efeméride a que Portugal se associou desde 1975.

Este ano o dia 8 de março foi assinalado pela Marinha de uma forma muito especial. A Superintendência do Pessoal, através da Direção de Pessoal e da Escola de Tecnologias Navais, assinalou a efeméride com um evento que reuniu no mesmo palco mulheres militares da Marinha que, como tantas outras, se destacam pelas suas experiências e que neste dia deram o seu testemunho vivo, perante uma audiência composta por homens e mulheres ao serviço da Marinha.

A cerimónia foi presidida pelo Superintendente do Pessoal, VALM Novo Palma, que com a sua alocução inaugural marcou o início de uma tarde de partilha de experiências na primeira pessoa. Atualmente prestam serviço na Marinha 826 militares femininas, aproximadamente 11% do total de efetivos da Marinha, distribuídas por oficiais (37%), sargentos (23%) e praças (40%), uma proporção que constitui um dos desafios do momento, de acordo com palavras do Superintendente do Pessoal.

Na sua apresentação **“25 anos de mulheres militares na Marinha”**, a CTEN TSN-LING Carla Marinho, chefe do Gabinete de Perspetiva de Género, e membro da Equipa Interdepartamental para a Igualdade de Género, enquadrou o tema recordando os momentos-chave da progressiva integração de mulheres na Marinha, desde 1992 até aos dias de hoje, e apresentando os dados estatísticos que refletem não só a sua evolução ao longo dos últimos 25 anos, mas também a distribuição dos militares de acordo com as áreas funcionais e cargos de chefia.

Na sua palestra **“Comando de um Destacamento de Helicópteros”**, a CTEN Mónica Martins, conhecida de todos por ter sido a primeira mulher piloto de helicópteros navais, falou do seu percurso desde o ingresso até ao dia em que foi convidada pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada para comandar o futuro NRP *Sines*, abordando os momentos que mais a marcaram, numa primeira fase, enquanto oficial de guarnição e, após a especialização em piloto de helicóptero naval, a experiência de vários anos que culminou no comando de um destacamento de helicópteros, com a sua participação em várias missões, nacionais e internacionais.



CTEN TSN-LING Carla Marinho



A 1TEN EN-MEC Mariana Duarte, atualmente a prestar serviço como chefe da Secção de Coordenação da Esquadilha de Navios de Superfície, cativou a plateia com o relato da sua experiência ímpar na palestra **“Operações de Manutenção de Paz na Colômbia”**, relativa ao período em que serviu numa comissão de serviço na Colômbia, no âmbito da missão de manutenção de paz das Nações Unidas, como elemento interlocutor das mulheres guerrilheiras das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC).

No decurso desta experiência foi determinante o seu carácter assertivo e a sua capacidade de persuasão para convencer a chefia a deixá-la viver exatamente nas mesmas condições dos seus pares do sexo masculino.

Na verdade, em vez de aceitar ficar alojada num hotel da capital, a Engenheira Duarte coabitou numa tenda de campanha com os homens que faziam parte da missão e participou em todas as tarefas da equipa, num esforço de permanente superação a par dos seus camaradas masculinos.

A 1TEN Cátia Pacheco, atual comandante do NRP *Orion*, na sua palestra **“Comandar no Mar”** traçou o seu percurso desde que entrou para a Escola Naval até ao momento em que se especializou em oficial de Navegação, tendo feito especial menção aos navios da Marinha em que embarcou, com particular destaque para os comandantes e chefes com quem teve o privilégio de aprender e colher o exemplo, até se tornar comandante de lancha. Desta última experiência a Tenente Cátia Pacheco relatou o episódio marcante de um dia difícil de mau tempo e mar alteroso para a

navegação, que lhe exigiu prova das suas competências de chefia e liderança, junto da sua guarnição.

A representante do Estado-Maior-General das Forças Armadas e membro da Equipa Interdepartamental para a Igualdade de Género, CTEN TSN-LING Marta Gabriel, na sua apresentação sobre **“A Integração da Perspetiva de Género nas Forças Armadas como Fator Motivacional”**, fez referência aos valores descritos na Plataforma de Pequim, de que se destaca o pressuposto de que a concretização da igualdade entre homens e mulheres é afinal uma condição para a justiça social. Os dados estatísticos apresentados, desagregados por sexo, relativos aos Ramos das Forças Armadas, espelham resultados semelhantes, em termos de percentagem de mulheres militares, aos resultados da Marinha.

O seminário contou também com a participação da MAJ Diana Morais, atual Vice-Presidente do Comité Executivo do *NATO Committee on Gender Perspective* (NCGP) e membro da Equipa Interdepartamental para a Igualdade de Género. Na sua apresentação subordinada ao tema **“A Integração da Perspetiva de Género nas Operações Militares”**, a major do Exército fez referência os diversos papéis que as mulheres assumem habitualmente no contexto de conflitos militares. Sendo as mais afetadas pelos conflitos armados, para além de vítimas de raptos, violações e outras formas de violência, as mulheres têm também vindo a assumir o papel de agentes nos conflitos armados, designadamente nos países do Médio Oriente, onde são cada vez mais utilizadas como armas ou até como guerrilheiras. Há, contudo, um outro papel de grande relevância para as Forças Armadas que as mulheres poderão desempenhar nos conflitos, o de intervenientes nas decisões dos processos de paz, tal como o preconiza a Resolução 1325 do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Com efeito, um dos pressupostos da Resolução 1325 é o de que os esforços de manutenção de paz são mais sustentáveis quando as mulheres são ouvidas como parceiras nos processos de preven-

ção dos conflitos armados e de resgate e na construção de processos de paz duradouros.

A sessão prosseguiu com um debate moderado pelo CMG Rodrigues Pinto, Chefe da Repartição de Nomeações e Colocações, da Direção de Pessoal, e com a participação das atuais membros da Equipa Interdepartamental para a Igualdade de Género do Ministério da Defesa Nacional, CTEN Carla Marinho, CTEN Marta Gabriel e MAJ Diana Morais.

De acordo com o comandante Rodrigues Pinto, é de destacar a ideia generalizada de que muito foi conseguido desde o início do século XX, em particular nas sociedades ocidentais, sem prejuízo, no entanto, de que se reconheça que há ainda trabalho a fazer ao nível da mentalidade e da cultura das organizações e também na instituição militar. Na sua análise conclusiva, o Chefe da Repartição de Nomeações e Colocações da Direção de Pessoal referiu ainda a importância de se incluir a perspetiva de género nas operações militares, numa lógica de prevenção e resolução de conflitos, incluindo a redução do grau de violência empregue.

No seu discurso de conclusão e encerramento da cerimónia, o VALM Novo Palma aludiu ao longo caminho já percorrido pela Marinha, no que à igualdade de género diz respeito, nomeadamente no que concerne à igualdade de tratamento entre homens e mulheres, e de oportunidades concedidas a ambos os géneros, reconhecendo no entanto que persistem ainda aspetos a aperfeiçoar.

Na verdade, a organização soube adaptar os seus meios e infraestruturas à integração das mulheres e desta adaptação e reajustamento da Marinha resultaram alterações significativas na cultura da organização, sem prejuízo da preservação de direitos fundamentais como o da igualdade salarial, da igualdade de oportunidades de progressão na carreira e de acesso a cargos de comando, direção ou chefia.



MENTORIA PARA A QUALIFICAÇÃO INDIVIDUAL E TUTORIA PARA O REGIME DE CONTRATO

Uma organização, para se destacar das demais no atual panorama, necessita de implementar práticas de recursos humanos que apostem na valorização do seu capital humano, tornando-se mais atrativa para os futuros colaboradores e para os que dela já fazem parte.

A Diretiva de Planeamento de Marinha 2017 (DPM2017) atribui grande importância à capacidade de retenção dos recursos humanos da Marinha, à sua valorização e ao ensino e formação.

Desde o momento de incorporação, importa desenvolver nos militares da Marinha um sentimento de pertença à “família naval”, a par do seu acolhimento e integração na organização, na nova condição militar e na nova realidade que escolheram como percurso profissional. Através de um processo de acolhimento e integração forte, a Marinha promove os seus militares a nortearem a sua ação pelos valores da disciplina, lealdade, honra, integridade e coragem e a contribuir ativamente para a concretização da missão deste ramo das Forças Armadas. Simultaneamente, é importante que os militares da Marinha possuam os níveis de qualificação adequados ao desempenho das suas funções e necessários para a sua evolução profissional, nomeadamente para o ingresso nos Quadros Permanentes (QP), no caso dos militares em Regime de Contrato (RC).

A criação do Programa de Mentoria para Qualificação Individual e de Tutoria para o Regime de Contrato preconizado em duas das ini-



ciativas estratégicas da Diretiva Setorial de Recursos Humanos 2017 (DSRH2017), decorre da necessidade identificada de existência, por um lado, de um programa que permita aos militares aumentar o seu nível de qualificação, por orientação formativa individual e, por outro, de um programa que promova a minimização das saídas extemporâneas ocorridas durante a fase de instrução. A criação das figuras de mentor e tutor na Marinha surge como uma evolu-

ção nas práticas de recursos humanos aplicadas no que concerne ao acolhimento e integração de novos militares. Mais do que apresentar a organização aos novos militares no momento da chegada à nova unidade, importa fazer um acompanhamento continuado no tempo, contribuindo para a sua intenção de permanecer na organização e para o seu aconselhamento, sempre que necessário, através do encaminhamento para a Direção de Pessoal (DP), por intermédio do Gabinete de Carreiras e Recolocação Externa (GCRE).

O Programa de Mentoria para a Qualificação Individual e de Tutoria para o Regime de Contrato destina-se a militares das categorias de praças e oficiais, de todas as classes, que ingressem na Marinha em RC. Este programa é coordenado pelo GCRE, na dependência do Chefe da Repartição de Situações e Efetivos (RSE) da DP. Através da tutoria para o regime de contrato pretende-se promover o adequado acolhimento e integração dos novos militares, enquanto que com a mentoria para a qualificação individual se pretende que esses possam aumentar o seu nível de qualificações, com especial enfoque nos militares da categoria de praças que não tenham completado o ensino secundário, nível de qualificação mandatário a nível nacional. No que se refere aos mentores para a qualificação individual (MQI) e tutores para o regime de contrato (TRC), estes são militares dos QP, com experiência e prestígio comprovados na organização e conhecimento da realidade da Marinha, de maior antiguidade que os mentorandos/tutorandos, com responsabilidade por encaminhar e acompanhar o seu processo formativo, por aconselhá-los sobre a orientação da sua carreira e o seu percurso na Marinha, entre outros assuntos de cariz mais profissional. Os MQI/TRC de oficiais serão oficiais dos QP, preferencialmente com o posto de 1TEN, e os MQI/TRC de praças serão sargentos dos QP, preferencialmente com o posto de SAJ.

Tendo em vista o aumento da capacidade de retenção da Marinha, considera-se que a relação estabelecida entre o MQI/TRC e o mentorando/tutorando pode ter grandes impactos sobre o desenvolvimento pessoal e profissional desse militar, constituindo-se a relação estabelecida como uma fonte de apoio adicional com vista ao sucesso da formação que está a ser frequentada, bem como potenciando a melhoria de indicadores de satisfação e de clima organizacional, ao promover o melhor aconselhamento e integração do militar na organização. A ação dos MQI/TRC é particularmente importante para

os militares que ingressem em RC, promovendo o conhecimento da nova organização, potenciando o seu grau de satisfação e contribuindo para a melhor adaptação à nova realidade, tanto a nível hierárquico, como cultural e profissional.

O Programa de Mentoria para a Qualificação Individual e de Tutoria para o Regime de Contrato encontra-se já a decorrer, estando em curso o acompanhamento, por militares da categoria de sargento das classes homónimas, de setenta e cinco grumetes das classes de Comunicações, Eletromecânicos, Administrativos, Manobra, Técnicos de Armamento e Taifa – Subclasse de TFD que concluíram o Curso de Formação de Praças (CFP) em 3 de fevereiro de 2018. Como primeiro grupo de MQI/TRC foram selecionados os seguintes militares, dadas as suas características pessoais e profissionais, sendo todos eles voluntários e a exercer as funções em acumulação: SAJ A Amaral Laranjeira (DF) para a classe de Técnicos de Armamento; SAJ C Santos Caeiro (ETNA) para a Classe de Comunicações; SAJ E Espírito Santo (ETNA) e SAJ CM Cardoso Rolo (DITIC) para a Classe de Eletromecânicos; SAJ L Lopes Ribeiro (ETNA) e SAJ L Marques de Almeida (DF) para a Classe de Administrativos; SAJ M Manuel Curto (EN) para a Classe de Manobra e 1SAR TF Aranda Pimentel (ETNA) para a Classe da Taifa – Subclasse de Despenseiro.

Está em curso a identificação de mais grupos de mentores, da categoria de sargentos, para os grumetes que iniciaram o CFP em 3 de abril de 2018 e os que irão terminar o CFP em 12 de julho de 2018, e da categoria de oficiais, para desenvolver as ações de mentoria e tutoria aos trinta e dois oficiais Técnicos Superiores Navais/Técnicos Navais RC que concluíram o Curso de Formação Básica de Oficiais (CFBO) em 16 de março de 2018.

Espera-se, através do desenvolvimento destes programas, criar um compromisso com a organização desde a fase de ingresso, apostar na sua valorização pessoal e profissional e criar laços dentro da “família naval”. Complementarmente, pretende-se ainda que estes programas possam contribuir para o aumento da atratividade da Marinha como organização, destacando-a das demais pela preocupação com os seus militares e aposta na valorização do seu capital humano, independentemente da sua forma de prestação de serviço ou categoria a que pertença.



Colaboração da DIREÇÃO DE PESSOAL

I JOGOS NACIONAIS MILITARES

A Marinha, através do Centro de Educação Física da Armada, organizou, na semana de 19 a 23 de março, os “I Jogos Nacionais Militares” (I JNM), o maior evento desportivo militar interno organizado em Portugal nos últimos anos, que contou com a participação de atletas dos Ramos das Forças Armadas e Forças de Segurança, nomeadamente da Marinha (MAR), Exército (EXE), Força Aérea Portuguesa (FAP), Guarda Nacional Republicana (GNR) e Polícia de Segurança Pública (PSP), nas provas de BTT, Corrida de Estrada, Futsal e Natação.

A cerimónia de abertura, realizada no dia 19 de março, presidida pelo Diretor-Geral dos Recursos da Defesa Nacional, Dr. Alberto Coelho, contou com a presença do Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, VALM Novo Palma, do Diretor de Formação, COM Soares Ribeiro, do Presidente da Comissão de Educação Física e Desporto Militar, COR Pires Contramestre, e do Presidente da Comissão Organizadora (Diretor do Centro de Educação Física da Armada), CMG Ramalho da Silva, onde em formatura foram içados os guiões das Entidades participantes e lida a declaração de abertura dos “I Jogos Nacionais Militares”.

Imediatamente após esta, deu-se início à competição de Futsal, que se realizou ao longo de 4 dias entre as seleções da MAR, FAP e PSP, no I escalão masculino, II escalão masculino (+ 34 anos) e escalão feminino, num total de 108 atletas envolvidos. A FAP venceu no escalão feminino, ao derrotar a MAR e a PSP em ambos os jogos, conquistando assim o Troféu Feminino, vencendo também no I escalão masculino. A seleção da Marinha do II escalão masculino sagrou-se Campeã Nacional Militar ao vencer as equipas da FAP e da PSP, conquistando assim o Troféu Masculino da prova.

No dia 20 de março realizou-se o Seminário sob o título “Educação Física e Desporto nas Forças Armadas e Forças de Segurança”, onde um representante de cada Ramo proferiu uma breve apresentação sobre o Sistema de Educação Física e Desporto no respetivo Ramo das Forças Armadas e das Forças de Segurança. O seminário foi presidido pelo Diretor de Saúde, COR Jesus Silva, e contou com a presença da Subdiretora da Direção-Geral de Recursos da Defesa Nacional (DGRDN), Dra. Catarina Figueiredo Cardoso, e do Diretor-Executivo da Autoridade Antidopagem de



Portugal, Dr. António Júlio Nunes, que proferiu uma palestra com o tema “A importância do combate à dopagem no Desporto”.

A prova de BTT, a primeira prova nacional militar realizada nesta modalidade, aconteceu no dia 21 de março, com a participação de 82 atletas, representando a MAR, EXE, FAP, GNR e PSP. Destaca-se o desempenho alcançado pelo 1576291 CAB FZ Marques Carriço (CF), que se sagrou Campeão Nacional Militar no III escalão masculino, e da 21216 CAD M Inês Raimundo (EN) que conquistou a medalha de bronze (3º lugar) no escalão feminino.

A manhã do dia 22 de março foi reservada para a competição de Natação, na Piscina nº1 do CEFA, que desde 2005 não recebia um evento nacional militar desta modalidade.

Com a participação da MAR, FAP e da PSP, realça-se o bom nível competitivo demonstrado pelos atletas. A FAP venceu o troféu feminino tendo a MAR vencido o troféu masculino.

Destacam-se os resultados alcançados pelos atletas da Marinha:

9809517 GRT AL Valdágua Coutinho (CF)	Campeão Nacional Militar 400m (I ESC) Campeão Nacional Militar 100m Livres (I ESC) Campeão Nacional Militar 50m Mariposa (I ESC)
24315 CAD EN-AEL Ana Marques (EN)	Campeã Nacional Militar 400m (FEM) Campeã Nacional Militar 50m Bruços (FEM) Campeã Nacional Militar 100m Livres (FEM)
32000109 G. 2CL Leiria Carneiro (BNL)	Campeão Nacional Militar 100m livres (II ESC) Vice-campeão Nacional Militar 400m (II ESC) Vice-campeão 50m Mariposa (II ESC)
24215 CAD M Beatriz Sousa (EN)	Campeã Nacional Militar 50m Mariposa (FEM) Vice-campeã Nacional Militar 50m Costas (FEM)
22210 2TEN EN-AEL Silva Marques (NRP J. ROBY)	Campeão Nacional Militar 50m Costas (I ESC)
21517 CAD M Torre Oliveira (EN)	Vice-campeão Nacional Militar 400m livres (I ESC)
9808017 GRT AL Silva Branco (CF)	Vice-campeão Nacional Militar 100m Livres (I ESC)
22014 CAD M Salomé Rodrigues (EN)	3º lugar 50m Bruços (FEM)
Seleção Marinha I Escalão 9809517 GRT AL Valdágua Coutinho 22210 2TEN EN-AEL Silva Marques 22314 CAD M Batista Rebelo (EN) 9808017 GRT AL Silva Branco (CF)	Campeã Nacional Militar Estafeta 4x50 (I ESC)

O último dia de provas dos I JNM ficou reservado para a Corrida de Estrada, uma prova de 10 km no perímetro da Base Naval de Lisboa, que contou com uma expressiva participação dos Ramos das Forças Armadas e das Forças de Segurança, num total de 139 participantes. Destacam-se os resultados alcançados pelos atletas da Marinha:

9803610 1MAR L Pereira Miguel (NRP CISNE)	Vice-campeão nacional militar (Geral) Vice-campeão nacional militar (I ESC)
359192 1SAR CM Teixeira de Sousa (ETNA)	Vice-campeão nacional militar (IV ESC)
9333303 1SAR R Laura Grilo (ETNA)	Vice-campeã nacional militar (I ESC)
9304806 1MAR TFD Gonçalves Jesus (NRP B. DIAS)	3º Lugar GERAL 3º Lugar I ESC MASC
22900 1TEN AN Sandra Conceição (ETNA)	3º Lugar (II ESC FEM)
Seleção Marinha II Escalão Feminino 1TEN AN Sandra Conceição STEN HE Patrícia Rivotti 1SAR ETA Vera Reis	Campeã Nacionais Militares por Equipas (II ESC FEM)

SELEÇÃO MARINHA II ESCALÃO – CAMPEÃ

Treinador:

9304503 CAB M MEF Ferreira Duarte (NRP Sagres)

Jogadores:

6307693 SAJ C Queiroz Pereira (ETNA), 9315900 1SAR ETA Mendes Venâncio (DN), 9304695 1SAR C Sousa Moreira (COMNAV), 9340502 1SAR ETA Costa Bento (ETNA), 409903 1SAR M Santos Fatela (ETNA), 9316695 1SAR ETA Vieira Araújo (ETNA), 125398 1SAR FZ Miguel Abibe (CF), 9302203 1SAR L Lourenço Figueiredo (DACF), 518094 CAB CRO Morais Botas (DP), 9824402 CAB FZ Pires Fernandes (CF), 9811799 CAB FZ Pudim Oliveira (CF)

A cerimónia de encerramento destes I JNM decorreu no Pavilhão do CEFA, com a presença da Banda da Armada, que enalteceu a entrega dos Troféus aos Ramos e Forças de Segurança vencedores em cada modalidade. Esta cerimónia foi presidida pelo Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, VALM Novo Palma, e com a presença do Subdiretor da DGRDN, MGEN Cartaxo Alves, do Diretor de Formação, COM Soares Ribeiro, do Presidente da Comissão de Educação Física e Desporto Militar, COR Pires Contramestre, e do Presidente da Comissão Organizadora (Diretor do Centro de Educação Física da Armada), CMG Ramalho da Silva.

Colaboração da DIREÇÃO DE FORMAÇÃO



CADETES DA ESCOLA NAVAL DESCEM O RIO GUADIANA

A Escola Naval (EN), no âmbito do seu Plano Anual de Atividades Escolares, realizou nos dias 8 e 9 de fevereiro a já tradicional atividade da descida do rio. Este ano os cadetes desceram o rio Guadiana, num percurso de aproximadamente 21 Km, entre a vila de Mértola e a aldeia do Pomarão.

Nesta atividade, além dos 95 cadetes, alunos dos 3º e 4º anos dos cursos do mestrado integrado da Escola Naval, participaram ainda outros alunos convidados, nomeadamente, do Instituto dos Pupilos do Exército, do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna e da Academia da Força Aérea e 12 alunos da Escola Secundária de Mértola. O total de participantes no evento rondou as 160 pessoas, entre cadetes, alunos convidados e organização.

O presente exercício teve como objetivo principal proporcionar aos futuros oficiais da Marinha a prática e consolidação dos ensinamentos e valores da formação militar, cívica e humana que, diariamente, são assegurados neste Estabelecimento de Ensino Superior Público Universitário Militar. Particularmente, a descida do rio Guadiana apresentou diversos desafios acrescidos, como a corrente de maré desfavorável e as baixas temperaturas que, ultrapassados com esforço e em segurança, contribuíram para o reforço da capacidade de liderança individual e coletiva, do sentido de camaradagem, do espírito de corpo e da coragem física e moral de todos os participantes.

O evento contou com a colaboração institucional da Câmara Municipal de Mértola (CMM) e do Agrupamento de escolas de Mértola

que, desde o primeiro momento, acolheram com entusiasmo esta iniciativa da EN, disponibilizando as infraestruturas da Escola Básica e Secundária de São Sebastião (escola sede) para pernoita de toda a comitiva, bem como a divulgação da Vila de Mértola.

De facto, a execução da descida do rio Guadiana estava revestida de uma importância acrescida, constituindo-se, *per si*, como uma oportunidade única para apresentar a história e a cultura da Vila de Mértola. A delegação da EN teve a oportunidade de visitar a Torre do Relógio, os núcleos de Arte Sacra e Islâmicos do Museu Nacional de Mértola, a Igreja Matriz (Igreja de Nossa Senhora de Entrevinhas), a Alcáçova e o Castelo de Mértola, que se traduziu numa visita cultural de elevado interesse.

Decorrente da presença da EN naquela vila, o Gabinete de Relações Públicas e Divulgação, em conjunto com a Repartição de Recrutamento e Seleção da Direção de Pessoal, realizou ações de divulgação no Agrupamento de Escolas da Mértola, em especial uma palestra destinada aos alunos dos 11º e 12º anos de escolaridade.

No que respeita à prova desportiva, o primeiro bote a chegar ao fim foi do 3º ano, com o tempo de duas horas, 26 minutos e 40 segundos. Em termos gerais, o 4º ano foi o vencedor, com um tempo médio de três horas, oito minutos e sete segundos, seguido do 3º ano, com um tempo médio de três horas, 15 minutos e 19 segundos.

A iniciativa terminou com um almoço a cargo da EN, servido nas instalações da CMM na aldeia do Pomarão, que contou com a presença do Presidente da Câmara, representantes do Agrupamento de Escolas de Mértola, o Comandante da Zona Marítima do Sul e o Capitão do Porto de Vila Real de Sto. António, onde foram entregues algumas lembranças que assinalaram esta iniciativa.

A realização, o apoio e a segurança do evento apenas foram possíveis graças ao esforço e dedicação dos militares da guarnição da EN empenhados neste exercício, bem como à excelente colaboração e disponibilização de meios de diversas unidades da Marinha e da Autoridade Marítima.



Colaboração do ESCOLA NAVAL



ACADEMIA DE MARINHA

SESSÕES CULTURAIS

“ESPADAS, SABRES, ADAGAS E ESPADAS PROTOCOLARES DOS OFICIAIS DA MARINHA PORTUGUESA”

Em sessão cultural de 6 de março foi apresentada, pelo Académico Paulo da Silva Santos, Secretário da Classe de Artes, Letras e Ciências, a comunicação “Espadas, Sabres, Adagas e Espadas protocolares dos Oficiais da Marinha Portuguesa”.

Para o conferencista, a Espada do Oficial da Armada Portuguesa é, do ponto de vista histórico, uma arma branca de combate, funcional, geralmente de grande qualidade. Na sua função contemporânea, a Espada Naval representa essencialmente um símbolo do poder e da autoridade conferida aos Oficiais. Sendo uma peça Regulamentar para uso com determinados Uniformes, congrega tradição e história da Armada de Portugal. Contudo, as “Espadas do Padrão de Marinha” e o seu uso naval, não foram ao longo da



nossa História, matéria total e formalmente regulamentada. Verifica-se, portanto, uma interessante diversidade no tipo de armamento branco privativo usado ao longo dos anos na Armada, pelos seus Oficiais. Algumas dessas armas de diferentes tipos, origens e fabrico, são indicadores de uma grande influência inglesa. No entanto, há características e pormenores estéticos muito próprios referentes ao armamento português e à Armada, sendo a evolução histórica e a estética dessa arma especificamente interessantes.

A finalizar, o especialista revelou que esta investigação, resultado de mais de 2 anos, irá apresentar mais de 30 modelos de Espadas, 15 modelos de Adagas e 5 exemplares de Espadas Protocolares da Marinha Portuguesa desde o Século XVIII até à atualidade.

“VIAGENS E QUOTIDIANOS DA CARREIRA DO BRASIL EM SETECENTOS”

Em sessão cultural de 13 de março foi apresentada a comunicação “Viagens e quotidianos da carreira do Brasil em Setecentos”, pelo Académico Artur Teodoro de Matos.

O Professor destacou que a sua comunicação tinha por objetivo reconstituir aspetos do quotidiano a bordo desta carreira, tais como a alimentação, passatempos, festas, devoções, comunicação, saúde, conflitos, acidentes e muitos outros. Referiu que as principais fontes que suportaram este estudo foram: um diário da jornada ao Rio da Prata em 1736, escrito por um anónimo que viajou na nau capitânia *Nossa Senhora da Vitória*, como sendo um homem ilustrado e prático nestas viagens e que nos deixou uma extensa e rica fonte sobre o quotidiano de tais viagens e outros aspetos, até porque a armada cumpria não só a função de comboiar a frota ao Brasil, levando e trazendo carga e passageiros, como a de expedição militar. Também da nau *Nossa Senhora da*



Arrábida, que acabaria por se juntar à frota no Rio de Janeiro, seguindo depois para o Rio da Prata, se descobre um diário inédito, provavelmente elaborado pelo piloto, mas que nem por isso deixou de anotar informação alheia à navegação.

A terminar, deixou-nos algumas referências, nomeadamente em relação à viagem do 1º Bispo de S. Paulo em 1746, de Lopes de Almeida; o diário da nau que conduziu Luiz de Albuquerque Pereira e Cáceres de Lisboa ao Rio de Janeiro em 1771; a jornada para Lisboa em 1771 dos jesuítas e alguns franciscanos expulsos do Pará e que foi contada por um desses inicianos; por fim, algumas referências interessantes da viagem de Lisboa à Baía, em 1756-57, que António de Brito Freire havia deixado no seu diário náutico.



José dos Santos Maia
SAJ

PRÉMIO “ALMIRANTE TEIXEIRA DA MOTA” / 2018

Até 28 de setembro de 2018 está aberto o concurso para atribuição do Prémio “Almirante Teixeira da Mota” /2018, a um trabalho original de pesquisa e investigação científica nas áreas de artes, letras e ciências ligadas ao Mar e às Marinhas.

O regulamento do Prémio está disponível no Portal da Academia de Marinha – academia.marinha.pt

ENTREGAS DE COMANDO/TOMADAS DE POSSE

VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA

No dia 14 de março, o VALM Novo Palma tomou posse como Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada (Vice-CEMA). A cerimónia, que decorreu na Casa da Balança, foi presidida pelo Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA e AMN), ALM Mendes Calado, tendo contado com a presença de um número muito significativo de oficiais gerais, bem como de oficiais, sargentos, praças e civis de diferentes unidades, estabelecimentos e órgãos da Marinha, que quiseram e puderam associar-se a este evento.

No seu discurso de tomada de posse, o VALM Novo Palma manifestou a intenção de aprofundar a coordenação das atividades inter-setoriais, de modo a elevar a eficiência institucional para patamares mais exigentes e de referência. Para esse efeito, indicou que será dada prioridade à prossecução dos programas inter-setoriais, sob coordenação do EMA. De modo a conferir coerência à intervenção institucional no desenvolvimento e na implementação da estratégia nacional, esta-



Foto: ISAR ETC Silva Parracho

beleceu, ainda, o propósito de proceder à elaboração da diretiva estrutural e à atualização das diretivas genética e operacional.

Revelou, igualmente, o compromisso de fazer da coesão e da disciplina a força para enfrentar os desafios com que a Marinha se depara, acentuando o seu empenhamento ativo na manutenção de relações de cooperação leais e autênticas com todos os setores da Marinha e com a AMN. Completamente, referiu que o EMA possuirá, no âmbito das suas competências, o

desenvolvimento duma cultura de interagência, pautando a sua ação por relações de confiança e de cooperação com os diferentes departamentos do Estado, respeitando o primado do serviço público e a reciprocidade no cumprimento eficiente e eficaz das respetivas missões.

A cerimónia terminou com o ALM CEMA e ANM a sublinhar as muito elevadas qualidades pessoais e profissionais do VALM Novo Palma e a reiterar a confiança nele depositada para o exercício das exigentes funções inerentes ao desempenho do cargo de Vice-CEMA.

O VALM Jorge Novo Palma nasceu em Lisboa e concluiu o curso de Marinha em 1983 tendo-se especializado em navegação em 1986.

Efetuiu comissões embarcado no navio-escola *Sagres*, no draga-minas *Ribeira Grande* e nas fragatas *Comandante Roberto Ivens*, *Comandante Sacadura Cabral* e *Corte-Real*.

Em terra, prestou serviço no Instituto Hidrográfico, no Gabinete do CEMA, na Direção do Serviço de Pessoal e no Estado-Maior da Armada, e comandou a Esquadilha de Escoltas

Oceânicos. No mar, comandou o navio-patrolha *Zaire*, o veleiro *Vega*, a fragata *Corte-Real*, a *Força Naval Portuguesa*, a *Força de Reação Imediata* e, entre abril e agosto de 2013, graduado em comodoro, a *Força Naval Europeia* para a Somália, na Operação *Atalanta*.

Após promoção a contra-almirante, em dezembro de 2013, desempenhou os cargos de Diretor de Infraestruturas, em 2014, Diretor de Pessoal, entre outubro de 2014 e outubro de 2016 e, desde 7 de outubro de 2016, Superintendente do Pessoal.

SUPERINTENDENTE DAS FINANÇAS

No passado dia 27 de fevereiro tomou posse como Superintendente das Finanças o CALM AN Alves Domingos. A cerimónia, que decorreu na Casa da Balança, foi presidida pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA e AMN), tendo contado com a presença da Subsecretária-Geral do Orçamento, outros oficiais gerais, antigos Superintendentes dos Serviços Financeiros, oficiais, sargentos, praças, militarizados e civis.

A cerimónia iniciou-se com a leitura do louvor e imposição de condecoração ao Superintendente cessante, CALM AN Sílvio Ramalheira.

Após a leitura da ordem e do ato formal da tomada de posse, na sua alocação, o Superintendente apresentou as vertentes onde propõe centrar a sua ação, destacando a dignificação e formação dos recursos humanos, essenciais para o reforço da motivação e consequente potenciação do fator humano na prossecução da missão, a promoção de contactos inter-setoriais que potenciem a implementação de sistemas de informação capazes de manter a Marinha na vanguarda da administração financeira do Estado, a colaboração na captação de recursos financeiros para garantir a continuidade dos programas de



Foto: CAB A Evans de Pinho

aquisição de novos meios e o reforço da componente do orçamento das Forças Nacionais Destacadas atribuído à Marinha e, ainda, o reforço dos mecanismos de controlo interno e das boas práticas de gestão dos dinheiros públicos, enquanto fatores de reforço do capital de credibilidade da Marinha no domínio da administração dos recursos financeiros.

O Almirante CEMA e AMN, na sua alocação, realçou a importância e a contribuição da gestão dos recursos financeiros no cumprimento da missão da Marinha.

O CALM AN Nelson Alves Domingos ingressou na Escola Naval (EN) em 1984, tendo concluído a licenciatura em Ciências Militares Navais – Administração Naval em 1989. Possui, entre outros, o curso Geral Naval de Guerra e o Curso de Promoção a Oficial General. Frequentou ainda o curso “Foreign Officers Supply Course” da “US Navy Supply Corps School” e, em 2002, obteve o grau de mestre em Estudos Africanos, no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

Foi Chefe de Serviço de Abastecimento dos NRP *Augusto Castilho*, *João Belo* e *Vasco da Gama*. Em 1993 participou na receção do NRP *Bérrio*, tendo integrado a 1ª guarnição do navio. Durante o período de embarque participou em várias missões nacionais e internacionais.

Desempenhou funções na Direção de Abastecimento (DA), nomeadamente Chefe da Secção de Contratos Especiais e, posteriormente, Chefe Interino da Repartição de Obtenção. Na chefia do Serviço de Apoio Administrativo desempenhou os cargos de Chefe da

Repartição de Contabilidade e Finanças, Chefe da Repartição do Património e Chefe da Repartição de Vencimentos e Abonos. Foi chefe do Serviço Administrativo e Financeiro do Departamento Marítimo da Madeira, em acumulação com o Comando da Zona Marítima da Madeira. Foi docente na EN, onde desenvolveu a sua atividade de investigação e ministrou formação nas áreas da Logística e do Abastecimento. Posteriormente, desempenhou funções no EMGFA, como Chefe da Repartição de Finanças, tendo participado em diversos grupos de trabalho, entre os quais o da “Nova Estrutura de Comandos NATO”.

Foi Diretor de Auditoria e Controlo Financeiro da Marinha, subdiretor da DA e Diretor de Abastecimento entre 2016 e 2018.

Da sua folha de serviços constam diversos louvores e condecorações, entre as quais a de Grande-Oficial da Ordem Militar de Avis. O CALM Alves Domingos é casado com Inês Domingos e tem um filho.

2º COMANDANTE NAVAL

Presidida pelo Comandante Naval, VALM Gouveia e Melo, realizou-se no passado dia 19 de março, no Salão Nobre do Palácio do Alfeite, a cerimónia de tomada de posse do 2º Comandante Naval, CALM Soares Aresta. Estiveram presentes os comandantes, diretores e chefes do setor e os oficiais, sargentos e praças do estado-maior do Comando Naval.

Na ocasião, o novo 2º Comandante Naval proferiu uma alocução com uma breve descrição da sua carreira, referindo que mais de três quartos da sua trajetória profissional foi passada no setor do Comando Naval reconhecendo, contudo, que se têm vindo a mudar as mentalidades, os processos e aspetos estruturais, nomeadamente com a deslocalização do Comando Naval de Oeiras para o Alfeite, a remodelação do seu estado-maior, a extinção da Flotilha, a reestruturação do treino e avaliação da esquadra e a reformulação da estrutura orgânica do Corpo de



Fuzileiros e o seu conceito de operações, entre outras. Concluiu, fazendo referência à necessária “franca ligação” do Comando Naval com os restantes setores da Marinha, nomeadamente das superintendências e das direções e chefias que funcionam na sua direta dependência, bem como com o EMA, nomeadamente no âmbito do planeamento, na produção e atualização de doutrina, no desenvolvimento de conceitos e na experimentação de novas soluções, entre muitas outras.

No uso da palavra, o VALM Gouveia e Melo destacou a importância que atribui ao franco e salutar relacionamento que deverá existir entre todos os setores da Marinha, sublinhando a confiança que deposita no seu 2º Comandante, não só por força de um passado recheado de experiência e provas dadas, mas também pela amizade que os liga desde os bancos da Escola Naval. A cerimónia terminou com o tradicional porto de honra.

O CALM João Luís Rodrigues Soares Aresta ingressou na Escola Naval em outubro de 1979 e especializou-se em Artilharia. A sua experiência operacional incluiu participações no Estado-Maior da Força Tarefa Portuguesa (POTG), como Oficial de Operações, tendo participado em duas Operações de Evacuação de Não-Combatentes em Angola, em 1992 e, posteriormente, na Guiné-Bissau, em 1998.

De maio de 1999 a maio de 2000 desempenhou as funções de Oficial de Operações do Estado-Maior do Comandante da Força Naval Permanente do Atlântico (COMSTANAVFORLANT), tendo embarcado em navios dos EUA e Canadá. Levou a cabo a Operação *Allied Force*, no Mar Adriático e conduziu ações de luta contra o narcotráfico no Mar das Caraíbas.

Em junho de 2001 foi nomeado Chefe da Secção de Exercícios do Estado-Maior do Comando Naval e em janeiro de 2002 assumiu as funções de Chefe da Divisão de Operações do Comando Naval, Chefe do Centro de Operações Navais e Diretor do Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo (MRCC Lisboa).

Entre outubro de 2003 e setembro de 2006, desempenhou funções de representante português no Comando Aliado de Submarinos do Norte da Europa (COMSUBNORTH), em

Northwood, Reino Unido. Durante este período efetuou uma missão de quatro meses em Cabul, Afeganistão, onde integrou o Gabinete de Aconselhamento Político do Comandante da Força da NATO (ISAF). Entre fevereiro e maio de 2006 desempenhou ainda as funções de Oficial de Ligação da NATO junto do Governo de Cabo Verde, no âmbito da realização de exercícios da NATO naquela região.

Em outubro de 2006 foi empossado Chefe de Estado-Maior do Comando Naval, cargo que desempenhou durante 4 anos. Frequentou o Curso de Promoção a Oficial General 2010/2011. Entre agosto de 2011 e junho de 2015 desempenhou as funções de Comandante da Base Naval de Lisboa.

Entre julho de 2015 e novembro de 2016 exerceu as funções de *Deputy Chief of Staff Plans* no *Allied Maritime Command*, em Northwood, Reino Unido, regressando a Portugal para desempenhar as funções de 2º Comandante Naval. Em dezembro do mesmo ano foi nomeado Chefe de Gabinete do CEMA, cargo que desempenhou até março de 2017.

Da sua folha de serviços constam diversos louvores e condecorações. O CALM Soares Aresta vive no Montijo, é casado com Maria da Luz Aresta e tem duas filhas, Rita e Catarina.

DIRETOR DO ABASTECIMENTO

No passado dia 26 de fevereiro tomou posse como Diretor do Abastecimento, o Comodoro AN António Carlos Dias Gonçalves. Presidida pelo VALM Superintendente do Material, a cerimónia decorreu no salão multiusos da Direção de Abastecimento (DA), tendo contado com a presença de outros oficiais gerais, diretores, oficiais, convidados militares, civis e toda a guarnição da DA.

Após a leitura da ordem o Diretor empossado usou da palavra, tendo sublinhado a necessidade da DA estar preparada para os exigentes desafios que a presente conjuntura de escassez de recursos coloca, o que obrigará à reformulação de procedimentos e à procura de alternativas e, concomitantemente, ao esforço acrescido de todos os que prestam serviço naquela Direção para, em equipa, encontrar as melhores soluções que permitam minimizar os efeitos das atuais circunstâncias. Aludiu, ainda, à importância da linha de ação que preconiza a finalização da construção do novo Centro de Distribuição Alimentar. Finalizou com umas palavras para os navios da Marinha. A esse propósito disse que “(...) são eles a primeira razão de ser da nossa



existência e é para eles que, independentemente do setor onde estivermos em cada momento das nossas carreiras, todos nós trabalhamos na árdua tarefa de os manter com os indispensáveis níveis de prontamento. O nosso país – marítimo por natureza e desígnio – merece que demos o melhor de nós para que os navios da Marinha continuem a desempenhar as suas tarefas no mar, defendendo os interesses nacionais e contribuindo para cumprir Portugal no mar!”.

O COM AN António Carlos Dias Gonçalves ingressou na Escola Naval em 1984 e foi promovido a GMAR a 01OUT89. Possui uma licenciatura em Gestão de Empresas, uma pós-graduação em Gestão Pública e um Mestrado em Gestão Pública, pela Universidade dos Açores. Embarcado, foi oficial de guarnição dos NRP *Honório Barreto*, *Jacinto Cândido*, *Sagres* e *Álvares Cabral*.

Em terra, prestou serviço na Escola de Fuzileiros, no G2EA, no Departamento Marítimo dos Açores. De 2002 a 2005 desempenhou, no Gabinete do CEMA, as funções de Secretário do Conselho Administrativo, de Chefe do Serviço Administrativo e Financeiro e de Chefe do Serviço de Protocolo do Almirante CEMA. Entre 2005 e 2008 prestou serviço no Gabinete de Ligação da Marinha junto do “Naval Inventory Control Point” em Filadélfia - EUA,

onde desempenhou as funções de Chefe do Gabinete e de representante da Marinha no “Navy International Programs Office” e no “International Customer User Group”. Durante esta última comissão, mais concretamente a partir de fevereiro de 2007 e até final da comissão, desempenhou as funções de “Spokesperson Deputy for the Security Assistance Foreign Representatives Community”. De 2008 a 2010, prestou serviço na Chefia do Serviço de Apoio Administrativo. Entre 2010 e 2013 desempenhou, na Escola Naval, as funções de Professor da área científica de Economia e Gestão, para as unidades curriculares de Administração. Foi ainda Subdiretor do Abastecimento de 2013 a 2015 e na Direção-Geral da Autoridade Marítima de 2016 a 2018. Da sua folha de serviço constam vários louvores e condecorações.

DIRETOR DO MUSEU DE MARINHA

Presidida pelo VALM Diretor da Comissão Cultural de Marinha (DCCM), realizou-se no passado dia 26 de janeiro, no Pavilhão das Galeotas, a cerimónia de tomada de posse do Diretor do Museu de Marinha (MM), CMG RES Passos Ramos.

No uso da palavra, o novo Diretor começou por agradecer a presença de todos convidados e a confiança em si depositada, e referiu-se aos valores transversais que fazem parte da cultura da Marinha e à importância da cultura como forma de dar a conhecer a história da Marinha e de Portugal. Seguidamente, traçou o quadro do ambiente em que o MM se insere, e, relevando as diretivas e orientações superiores para o setor cultural da Marinha e a missão do Museu, realçou as iniciativas prioritárias que concorram para o reconhecimento público do MM pela qualidade e excelência da sua ação cultural e museológica. Assim, destacou a candidatura do MM à Rede Portuguesa de Museus e outras importantes medidas a encetar para que seja mais conhecido e visitado, não só através de ampla divulgação, como pela constante aposta na melhoria das condições das suas infraestruturas, na preservação do seu património, na modernização das exposições permanentes, bem como através de parcerias e de diversas sinergias que permitam captar apoios para a realização de ações culturais e museológicas de maior realce e para trazer aos seus espaços e polos museológicos eventos alusivos a efemérides de maior relevo e atração.

Por sua vez o VALM DCCM referiu a importância da divulgação do património cultural da Marinha e de tudo o que se relaciona



Foto Rui Salta

com as atividades humanas ligadas ao mar, e o papel essencial que o MM tem nesse âmbito. Disse ainda que a modernização do espaço expositivo é um marco importante para tornar mais apelativa, integrada e relevante a atividade cultural dos ONC para um maior impacto no seu público-alvo, e que será um desafio encontrar as melhores respostas para o cumprimento da relevante missão do MM.

O CMG RES João Manuel Figueiredo de Passos Ramos ingressou na Escola Naval (EN) em 1979 e licenciou-se em Ciências Sócio-Militares em 1984, sendo promovido a Guarda-Marinha.

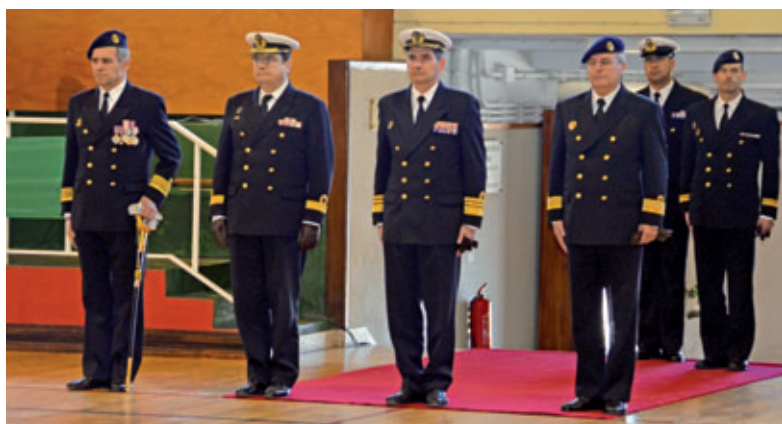
Embarcou nos NRP *Baptista Andrade* e *Sagres* em estágios e instrutor em viagens de instrução, foi chefe do serviço de eletrotécnia e de navegação dos NRP *Almeida Carvalho*, *Pereira D'Eça* e *Oliveira e Carmo*, chefe dos serviços de artilharia, comunicações, navegação e eletrotécnia do NRP *João Coutinho*, imediato dos NRP *S. Roque* e *Polar*, comandou os NRP *Bacamarte*, *Alabarda*, *Bombarda* e *Honório Barreto*.

Foi instrutor de Cálculos Náuticos na EN, no Instituto Hidrográfico adjunto e chefe do Serviço de Eletrotécnia, chefe do Serviço Técnico, Serviço de Artes Gráficas e Diretor de Apoio e diretor dos Serviços de Documentação. Na Autoridade Marítima Nacional foi Capitão do Porto de Cascais e Comandante local da Polícia Marítima de Cascais. No IESM, foi

coordenador da Área de Ensino de Administração, Diretor dos Cursos Complementar Naval de Guerra e de Promoção a Oficial Superior e oficial adjunto à direção do IESM. Foi chefe de Gabinete do Diretor da Comissão Cultural de Marinha e subdiretor da Biblioteca de Marinha. Foi Diretor de Projeto de Cooperação Técnico-Militar de Portugal em Angola, adido de Defesa junto da Embaixada de Portugal em Angola, na República do Congo, na República Democrática do Congo e na Namíbia. Passou à Reserva em 31 de dezembro de 2016 e regressou a Portugal em outubro de 2017.

Especializou-se em Eletrotécnia e tem diversos cursos da área de tática, quarto à ponte, operações navais e comandantes e imediatos. Tem o CGNG e gestão avançada de projetos, entre outros. Da sua folha de serviços constam diversos louvores e condecorações. É casado e tem dois filhos.

DIRETOR DO CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA ARMADA



No passado dia 22 de fevereiro tomou posse do cargo de Diretor do Centro de Educação Física da Armada (CEFA) o CMG SEG Ramalho da Silva.

A cerimónia decorreu no Pavilhão Desportivo deste Órgão e foi presidida pelo VALM Superintendente do Pessoal, VALM Novo Palma. Assistiram à cerimónia o Comodoro Diretor de Formação, diversas Entidades da Marinha, antigos Diretores e Convidados militares e civis.

No final, os Diretores, cessante e empossado, foram cumprimentados por todos os presentes, seguindo-se um almoço de confraternização, culminado com um Porto de Honra, e com o tradicional corte do bolo alusivo à efeméride.

O CMG SEG Abílio Manuel Narciso Ramalho da Silva ingressou na Marinha em 1980, tendo frequentado o Curso de Formação de Oficiais da Reserva Naval na Escola de Fuzileiros.

Desempenhou funções de comandante de pelotão e oficial de operações do batalhão, especializou-se em educação física no ISEF e foi chefe do serviço de educação física na Escola de Alunos Marinheiros, G2EA e na Base de Fuzileiros.

Foi chefe do serviço de segurança na BNL, chefe do gabinete escolar e subdiretor do CEFA, subdiretor da Direção de Transportes e chefe da Secção de Reservas e Reformados, na Direção de Pessoal.

Prestou serviço em Angola no âmbito da Cooperação Técnico-Militar. Possui o Curso Complementar Naval de Guerra. Da sua folha de serviços constam diversos louvores e condecorações.

NOTÍCIAS

ALMIRANTE CEMA E AMN VISITA COMANDO NAVAL

No dia 19 de março, o Chefe do Estado-Maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA e AMN), Almirante Mendes Calado, realizou a sua primeira visita oficial à Marinha após a tomada de posse, desta feita ao Comando Naval (CN).

À entrada na Doca da Marinha, em Lisboa, o CEMA e AMN foi recebido pelo Comandante Naval, VALM Gouveia e Melo, seguindo-se o trânsito a bordo da UAM *Alva* até à BNL, onde efetuou a tradicional Revista Naval, recebendo honras de todos os navios que, embandeirados em arco e com as guarnições estendidas, se encontravam na BNL.

Após o desembarque, o Almirante CEMA e AMN recebeu, frente ao Palácio do Alfeite, as honras militares que incluíram o hino Maria da Fonte, executado pela Banda da Armada, salva de 19 tiros pelo NRP *Jacinto Cândido*, revista à guarda de honra e desfile.

Seguiu-se uma visita ao edifício do Estado-Maior do Comando Naval, onde recebeu um *briefing* do Comandante Naval, que abordou o enquadramento deste comando operacional na estrutura da Marinha, descreveu as principais missões que lhe estão atribuídas e desenvolveu, com maior pormenor, temas relacionados com os resultados obtidos nos últimos anos, projetos em curso e perspetivas futuras. O ALM CEMA e AMN proferiu uma comunicação dirigida a todos os comandantes, diretores e chefes do setor, nomeadamente aos comandantes das unidades navais, das unidades de fuzileiros, das unidades de mergulhadores e aos oficiais do CN, onde sublinhou a sua visão da Marinha para o seu mandato – **Uma Marinha pronta e prestigiada ao serviço de Portugal e da segurança coletiva** – acrescentando o papel determinante que o CN tem para a sua prossecução.

Salientando a preponderância do CN na linha da frente da Marinha, reconheceu o enorme esforço que tem sido desenvolvido para sustentar a atividade operacional, reconhecendo, ainda, que o produto operacional da Marinha tem registado um aumento sustentado e diversificado, só possível graças ao



esforço das guarnições e ao trabalho de excelência da estrutura de apoio, bem como à atitude colaborativa de todos os setores da Marinha, num esforço continuado.

A visita prosseguiu com um almoço a bordo do NRP *Corte Real*, navio que o Almirante CEMA e AMN comandou, onde contou com a presença de todos os comandantes, diretores e chefes do setor do comando naval.

A visita foi concluída com a assinatura do Livro de Honra do CN, onde deixou registada a seguinte mensagem:

“É com particular emoção que faço a minha primeira visita à área operacional depois da minha tomada de posse do cargo de Chefe do Estado-Maior da Armada. A todos os homens e mulheres da “linha da frente” deixo uma mensagem de confiança e exorto-vos a que sintam como eu a enorme paixão no serviço que prestamos à nossa Marinha, afirmando a alma marinheira de Portugal, onde e quando necessário!!!

Bons ventos, mar de feição e que a estrela da sorte vos acompanhe sempre no cumprimento das vossas missões.”



Colaboração do **COMANDO NAVAL**

1º SEMINÁRIO DE SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO E AMBIENTE DA MARINHA

Em 15 de novembro de 2017, realizou-se no CITAN o 1º Seminário de Segurança e Saúde no Trabalho e Ambiente (SSTA) da Marinha, em cumprimento da Diretiva Setorial da IGM.

O Seminário reuniu diferentes experiências e perspetivas sobre os desafios nesta área, visando melhorar a prevenção dos riscos profissionais – esforço que deve ser de todos e de cada um de nós –, em benefício dos militares, militarizados e civis da Marinha. No Seminário foram apresentadas as atuais estratégias para a implementação do Sistema de Gestão da SSTA, visando promover a melhoria das condições de trabalho e a proteção ambiental.



Equipa da IGM e os colaboradores externos que prepararam e realizaram o Seminário.



O marinheiro que não sabia sonhar...

*" (...) Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme (...)*

In "o Mostrengo", a Mensagem, Fernando Pessoa



Desenhos de Paulo Guedes

Minha mente é como um arquivo, mais ou menos arrumado, indexado pelo peso do sentimento. Trata-se de uma forma estranha de ser, que já me trouxe forte perseguição, alguma admiração e, as mais das vezes, indiferença e incompreensão. Desta vez saltou de lá o Sr. Cágado, o marinheiro que não sabia sonhar...

Cedo, na minha carreira de Médico Naval, passei muito tempo em comissão nas ilhas da bruma: o Arquipélago dos Açores. É verdade, também sempre estive atento às várias particularidades das pessoas e, sim, desde há muito tempo que tenho um "caderinho de anotações", para onde passam as emoções que na alma me surgem... O Sr. Cágado era um homem de meia idade, com um tronco largo de mais para a sua fraca altura, do qual saía um pescoço fino, pegado a uma cabeça de movimentos lentos, que fazia lembrar o animal de carapaça, que lhe foi atribuído como alcunha... Reparei, desde logo, que tinha um olhar vago, como se visse para além do horizonte próximo e, de algum modo, o vazio, para além de nós próprios.

O próprio pouco se importava com a alcunha. Aliás, falava muito pouco e nunca me lembro de o ver rir, ou entrar naquele modo folgazão, tão característico do ambiente a bordo. Contudo, era rigoroso no cumprimento do dever e nada se lhe pedia que não fosse prontamente resolvido, ao mais pequeno detalhe. Também nunca o vi enjoar ou demonstrar desespero ou má vontade perante a inclemência dos elementos, que naquele inverno foram especialmente duros para quem o mar demandava...

Algum tempo mais tarde, estando eu na enfermaria, percebi que o enfermeiro preparava uma injeção de um psicofármaco. Perguntei-lhe para quem era. Disse-me que era para o nosso

herói marinheiro. Acrescentou, ainda, que era uma terapêutica antiga e que toda a gente a bordo sabia. Era uma injeção "para aqueles que não sabiam sonhar..." – afirmou convicto. Senti-me menos capaz por não ter percebido de imediato o sofrimento do Sr. Cágado, mas, até hoje, ainda não encontrei definição mais elegante para a doença mental...

Percebi muito mais naquele navio, percebi que o nosso amigo não teria família, ou vivia emocionalmente afastado dela, o que é a mesma coisa. Percebi que o Navio era a sua verdadeira casa e que, quer estivesse a navegar distante, ou na Base Naval, residia lá, no seu beliche naval. O Sr. Cágado deu corpo na minha alma à poesia acima. Este "agarrar ao leme" defendeu-o (e talvez ainda defenda) dos mostrengos que o perseguem. Percebi, também, que todos, sem exceção, o tratavam com um grande respeito. Percebi, finalmente naquele tempo, que havia uma (pelo menos uma) instituição capaz de integrar a diferença de um modo honrado e respeitoso. Achado raro nos tempos que correm...

Ora, precisamente nos tempos que correm, há cada vez mais pessoas "que não sabem sonhar". A Marinha tem sabido enquadrar a diferença no seu seio e, inúmeras vezes, é capaz de fornecer uma razão de vida a quem procura um caminho seguro. A sua matriz intrínseca é, dei disso inúmeros testemunhos nestas histórias, eminentemente humanitária. Do Sr. Cágado nunca mais ouvi falar, espero que esteja bem... tenho a certeza que a Marinha continuará a preencher algum vazio que lhe poderá faltar na alma. Pergunte a si próprio, o marinheiro leitor assíduo, se o mesmo não acontecerá consigo?



Doc

LAGARTA DO PINHEIRO

Nos últimos anos temos assistido a uma alteração das condições climáticas e, como é óbvio, isso leva a uma mudança nos ecossistemas. Uma praga que tem sobremaneira aumentado, com repercussões na saúde das árvores, dos humanos e dos animais domésticos, é a Lagarta do Pinheiro, conhecida como Lagarta Processionária. É um inseto desfolhador de pinheiros e cedros e o seu nome deve-se à sua descida das árvores, em fila, em busca de um local para se enterrar e passar às fases seguintes de desenvolvimento. A lagarta apresenta risco para a saúde pública devido à presença dos pelos urticantes que se espalham pelo ar, causando a reações alérgicas a nível da pele, olhos ou mesmo no aparelho respiratório. Se houver ingestão das lagartas os riscos de saúde são muito graves podendo culminar na morte.

CICLO DE VIDA

A Lagarta do Pinheiro (*Thaumetophaea pityocampa*) encontra-se disseminada por todo o território português devido à presença alargada de pinheiros de Norte a Sul e ilhas. Esta praga, além do pinheiro bravo, ataca igualmente outros pinheiros: o silvestre, o laríceo, o manso, o insigne e o pinheiro de alepo, assim como Cedrus Atlântica, Cedrus Deodara e Cedrus do Líbano.

Como qualquer inseto, o desenvolvimento da Lagarta do Pinheiro passa por 4 fases:

ovo, lagarta, pupa/crisálida (casulo) e inseto adulto (borboleta). Em termos específicos, o seu ciclo de vida passa por uma fase aérea e uma fase terrestre. A fase aérea inicia-se em junho e prolonga-se até agosto com a emergência dos insetos adultos do solo, sob a forma de borboleta, e o acasalamento. Os ovos são postos nas agulhas dos pinheiros, dando-se início à fase terrestre. Em meados de setembro, nascem as lagartas que se agrupam em ninhos para manterem o calor. Estes ninhos têm um aspeto de novelo de seda, facilmente identificáveis nas copas dos pinheiros. De setembro a dezembro, durante o período de crescimento ativo nos ninhos, as lagartas passam por 5 etapas. Nas duas últimas etapas o aparelho defensivo das lagartas já está completamente formado e é composto por oito recetáculos, cada um dos quais compreende aproximadamente 120.000 pelos alaranjados e com propriedades urticarizantes. Quando a lagarta se move os recetáculos abrem-se, libertando milhares de pelos que se dispersam no ambiente. Os pelos têm no seu interior uma substância chamada de taumatopoina que é capaz de desencadear reações alérgicas nos humanos e animais de companhia, caso entrem em contacto com eles. Terminado o desenvolvimento larvar, habitualmente entre janeiro e abril, manda a natureza que as lagartas abandonem o pinheiro, umas atrás das outras, em longa procissão, para se enterrarem no solo a alguns centímetros de profundidade, onde vão completar a sua metamorfose: enquanto estão debaixo da terra transformam-se em crisálidas, para depois passarem a borboletas.

De salientar que anualmente as condições climáticas mudam, logo, em consequência disso, também as datas das várias fases do ciclo de vida deste inseto podem mudar.

MANIFESTAÇÕES CLÍNICAS

A Lagarta do Pinheiro liberta milhares de pelos que são uma ameaça à saúde pública, logo exigem uma vigilância constante em

ambiente urbano. Os pelos agem como agulhas, injetando a tal substância tóxica (taumatopoina) na pele ou mucosas. As crianças e os cães raramente sentem repulsa por esta lagarta (que por acaso é bem bonita!) e sentem-se até impulsionadas a interagir com elas, daí advir o perigo. Mas muitas vezes basta frequentar uma espaço público que tenha estes pelos no ar para desenvolver sintomas (ex.: correr na mata). A

intoxicação por contacto com esta espécie assume um carácter sazonal, dependendo do clima da região, verificando-se uma maior percentagem de casos durante a Primavera. Os

sinais e sintomas dependem da intensidade da exposição e da sensibilidade individual, contudo é importante todos reterem que, na grande maioria dos casos, a exposição a este inseto causa apenas uma doença benigna, com resolução muito simples em menos de 24h, atingindo apenas a pele, não havendo por isso razões para alarme. As manifestações mais frequentes são:

- Reação urticariforme: irritação cutânea com prurido (comichão), ardor, eritema (pele vermelha) e edema (inchaço). As lesões cutâneas têm características maculopapulares e podem ser acompanhadas de vesículas.
- Irritação ocular: em tudo semelhante a uma conjuntivite com os olhos avermelhados, prurido e edema.
- Tosse e dispneia (dificuldade respiratória).

Nos animais de estimação a parte do corpo mais afetada é a cabeça (tendem a farejar ou comer a Lagarta) podendo existir edema do focinho, língua, lábios e laringe. Nos casos mais graves pode ocorrer necrose da língua e choque anafilático, daí que se deva sempre consultar um veterinário na suspeita de contacto com uma Lagarta.

TRATAMENTO

Em caso de aparecimento de sintomas cutâneos recomendo tomar banho e mudar de roupa, para evitar agravamento da urticária por manutenção do contacto com os pelos da Lagarta. As peças de roupa que entraram em contacto com esta espécie têm de ser lavadas a $\geq 60^{\circ}\text{C}$, pois os pelos tóxicos só são destruídos a partir destas temperaturas. Pode haver necessidade de recorrer a medicação anti-histamínica, analgésica ou anti-inflamatória.

Os sintomas oculares são minimizados com lavagens oculares com soro fisiológico, eventualmente com colírios anti-histamínicos.



Caso existam sintomas respiratórios, como tosse e dificuldade respiratória, obviamente, aconselho uma consulta médica.

Relembro que, em qualquer problema de saúde sem risco de vida, deve ser consultado primeiro o Centro de Saúde, eventualmente a linha SNS 24, ao invés de se irem “entupir” urgências e consultas hospitalares com doenças benignas com previsão de cura de poucas horas ou dias.

MEDIDAS PREVENTIVAS

Nesta altura da primavera deve evitar-se frequentar pinhais, jardins ou bosques, onde existam pinheiros ou cedros infetados. Se virem as lagartas, não deixar que crianças ou animais lhes toquem.

Caso aviste Lagartas do Pinheiro ou os seus ninhos característicos sugiro que informe as entidades competentes (nas unidades militares, o Comando, em âmbito civil, as Câmaras Municipais). Nos últimos anos tem existido um maior controlo sobre esta praga e, conforme a época do ano e a fase do ciclo de vida da Lagarta, utilizam-se métodos diferentes para a destruir. A destruição mecânica dos ninhos, se possível, realizada até finais de Dezembro, é considerada uma das melhores formas de limitar a

praga. As armadilhas sexuais são uma solução possível pois capturam as borboletas macho antes do acasalamento. Os inseticidas são uma opção quando as lagartas estão nos primeiros estádios de desenvolvimento (geralmente em setembro e outubro). A colocação de cintas de papel ou plástico embebidas com cola específica a nível dos troncos, também é útil na fase da precissão pois permitem interetar e destruir as Lagartas antes que se enterrem no solo. A introdução do Chapim azul no ecossistema local é outro método para promover o controlo biológico desta praga, pois a Lagarta do Pinheiro faz parte da sua dieta. Uma coisa é certa, a solução para o problema não deverá passar nunca pelo abate das árvores.

Os pelos tóxicos encontram-se, para além do corpo das lagartas, espalhados pelos ramos e ninhos, logo, ao realizar qualquer dos tratamentos aconselhados, deverá usar luvas, proteger o pescoço, usar óculos e máscara de proteção no nariz e boca.



Ana Cristina Pratas

1TEN MN

www.facebook.com/participanosaudeparatodos

DESPORTO

TIRO PISTOLA – 33º CAMPEONATO DA MARINHA

A 33ª edição do Campeonato da Marinha de Tiro Pistola realizou-se no dia 6 de março, na Carreira de Tiro do CEFA, e contou com a participação dos Agrupamentos Desportivos BNL, CF, EN e ETNA.

A nova campeã da Marinha é a CAD M Ana Sousa (EN), com 159 PTS, sendo o campeão masculino o CAB AD Gomes Grave (BNL), com 245 PTS. A EN arrecadou o Troféu Feminino e o Troféu Masculino da prova.

Destacam-se as classificações individuais nas tabelas seguintes:

MASC	NII	P	C	Nome	Agrup.	Pontuação
1º	268192	CAB	AD	GOMES GRAVE	BNL	245
2º	919490	SAJ	C	SANTOS CAEIRO	ETNA	245
3º	21313	ASPOF	M	GÓIS DIONÍSIO	EN	244



Equipa feminina e masculina da EN, vencedores do Troféu Feminino e Masculino.

FEM	NII	P	C	Nome	Agrup.	Pontuação
1º	22216	CAD	M	ANA SOUSA	EN	159
2º	25215	CAD	M	DANIELA AFONSO	EN	95
3º	20716	CAD	M	JOANA JERÓNIMO	EN	75

BTT – 1º TORNEIO ABERTO

Realizado no dia 1 de março, o 1º Torneio Aberto BTT contou com a participação de 44 atletas distribuídos por 4 escalões: I ESC (22), II ESC (13), III ESC (06) e ESC FEM (03).

Num percurso de 2 horas de resistência, o atleta mais rápido foi o Agente Inácio da PSP, com 6 voltas em 01:59:13, seguido do STEN TS Carvalho da Marinha, com 5 voltas em 01:48:58

Marcada por um bom nível competitivo, esta competição serviu para identificar atletas para as seleções de BTT da Marinha que participaram nos I Jogos Nacionais Militares, entre 19 e 23 de março, realizados na BNL (organização: Marinha/CEFA).

Esc	NII	P	Nome	Nº voltas	Tempo
I	151276	AGENTE	NUNO INÁCIO	PSP	01:59:13
II	9339796	STEN TS	BAIÃO CARVALHO	ETNA	01:48:58
III	132076-K	CAP	FERNANDO LEITÃO	MDN	01:50:36
FEM	g2140627	GUARDA	CRISTINA PEREIRA	GNR	01:58:07



Vencedores da Geral



Pódio Feminino

ESC	Class.	Escalão	NII	PC	Nome	UEO	Tempo
GERAL	1º	I M	151276	AGENTE	NUNO INÁCIO	PSP	01:59:13
	2º	II M	9339796	STEN TS	BAIÃO CARVALHO	ETNA	01:48:58
	3º	I M	138866F	1CAB SAS	AVELINO SANTOS	FAP	01:49:39

NOTÍCIAS PESSOAIS

RESERVA

• VALM António Carlos Vieira Rocha Carrilho • SMOR H Luís Alberto da Silva Basílio • SMOR E Amadeu Horácio Agostinho Raimundo • SMOR FZ António José Marto Lopes • SCH C José Augusto Pereira Marques Mateus • CAB CM Mário Rui da Cruz dos Santos.

FALECIDOS

• 6743 CMG M REF António Luciano Estácio dos Reis • 109547 1TEN SG REF Raúl de Brito • 478357 1TEN OT REF Manuel Henrique Cascalheira • 252750 SMOR L REF Artur Ferreira Marques •

945963 SMOR SE REF Joaquim José Correia dos Santos • 114041 SCH E REF Ernesto Bernardo Coelho • 76067 1SAR C REF Eduardo José de Castro Alves • 379951 1SAR T REF João dos Reis Sequeira • 146425 SAJ FZ REF Carolino Batista • 173131 SAJ A REF Eugénio da Saúde Teixeira • 215349 SAJ L REF Angelino Augusto de Aguiar • 105943 SAJ A REF Manuel Alexandre Marques • 272146 SAJ R REF António Luís Dias Sanches • 780778 SAJ FZ REF António Júlio Matanco Domingues • 174731 CAB AUX REF Cristiano Marques • 505334 CAB TFH REF Francisco Alves da Silva • 167964 CAB TFD REF Bernardino Frias Marques • 179567 CAB FZ REF Jorge Rosa de Jesus • 303047 2GR M REF António Pinto de Barros • 33999347 AG 1CL QPPM APOS Francisco Alfredo Carreira • 3600054 FAROL SUBCHEFE QPMM Cesaltino da Silva Lemos.

CONVÍVIOS

NÚCLEO DE FUZILEIROS DOS TEMPLÁRIOS

Realiza-se no dia **13 de maio** o 22º almoço-convívio de Fuzileiros dos Templários de Tomar.

Programa: 11h30 – Concentração junto aos Bombeiros e recepção aos convidados. 13h00 – Almoço no Restaurante “Manjar dos Templários” lugar do Moinho Novo, Rotunda da A13, 2300-184 Tomar.

Confirmação até dia 7 de maio, para: Narciso TLM 915 871 424, Manuel Marques TLM 964 175 325, Arnaldo TLM 933 696 133, Marcelino TLM 913 584 550, Aurélio TLM 912 154 757.

XI ENCONTRO NACIONAL DOS ANTIGOS ALUNOS DA FRAGATA D. FERNANDO II E GLÓRIA

Em **19 de Maio** de 2018, com concentração às 10h30 junto à Capitania do Porto de Setúbal. Almoço no restaurante “O Quintal”, às 12h30.

CURSO DE FORMAÇÃO DE SARGENTOS 2007/2008

Realiza-se no dia **25 de maio**, pelas 19h00, local ainda a confirmar, o 1º encontro dos alunos do Curso de Formação de Sargentos 2007/2008.

Para mais informações contactar: SAJ US Vale Lourenço, Tel. 210984682, RTM 302206, TLM 918734277.

“FILHOS DA ESCOLA” DE 1956

Realiza-se no dia **26 de maio** no restaurante “O Miradouro”, em Benavente, o almoço de confraternização comemorativo do 62º aniversário da incorporação na Armada.

As inscrições devem ser dirigidas até 24 de maio para:

Só almoço: Agostinho Patrício – Tel. 219411605/TLM 919508247
Almoço e transporte: Adelino Afonso – Tel. 212241839/TLM 939510239

SAIBAM TODOS

10 DE JUNHO DE 2018

HOMENAGEM AOS COMBATENTES XXV ENCONTRO NACIONAL

PROGRAMA

IGREJA DOS JERÓNIMOS

10H30 - Missa Dominical e de sufrágio pelos combatentes que tombaram pela Pátria;

MONUMENTO AOS COMBATENTES DO ULTRAMAR

11H45 - Concentração junto ao Monumento;

12H15 - Abertura pelo Presidente da Comissão;

12H19 - Leitura de mensagem de Sua Excelência o Presidente de República;

12H23 - Cerimónia inter-religiosa (católica e muçulmana);

12H31 - Alocução de homenagem aos Combatentes pelo Coronel Américo Henriques;

12H39 - Homenagem aos Combatentes mortos e deposição de flores;

13H02 - Hino Nacional (salva protocolar por navio da Marinha);

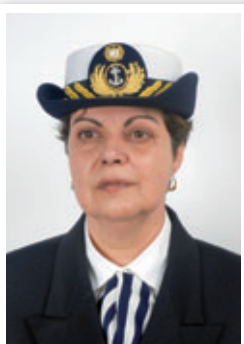
13H05 - Passagem de aeronave da Força Aérea;

13H09 - Passagem final pelas lápides;

13H30 - Salto de paraquedistas do Exército;

13H35 - Almoço-convívio frente ao monumento.

MARINHA NO FEMININO



CFR FN Maria Marques **1**



1SAR HE Maria Sequeira **2**



1TEN TS Sandra dos Santos **3**



CTEN TSN-QUI Sara Lobo **4**



CMG MN Maria Diniz **5**



SAJ CM Sílvia Linheiro **6**



CAB E Joana Valadas **7**



1MAR MS Sara Barrocas **8**



CTEN EN-MEC Suzana Lampreia **9**



CTEN M Mónica Martins **9 10**



CTEN AN Ana da Conceição **9**



1TEN M Gisela Antunes **11**



CTEN MN Filipa Albergaria **12**



SAJ HE Rosário Henriques **12**



1SAR B Ana Dias **13**



1SAR B Vera Pereira **13**



1MAR OP Noemie Freire **14**

- 1** Primeira militar a entrar para a Marinha para ingresso nos QP.
- 2** Primeira sargento enfermeira na Marinha.
- 3** Militar mais antiga da 1ª incorporação de praças.
- 4** Militar mais antiga do 1º CFBO TSN/TN.
- 5** A Atual militar mais antiga da Marinha.
- 6** A atual sargento mais antiga.
- 7** A atual praça mais antiga.
- 8** A atual praça RC mais antiga.
- 9** Primeiras cadetes dos cursos tradicionais da Escola Naval.
- 10** Primeira Piloto de Helicópteros.
- 11** Primeira Comandante de Unidade Naval.
- 12** Primeiras mulheres militares em missão no estrangeiro.
- 13** Primeiras mulheres militares da classe Músicos.
- 14** Primeira mulher a frequentar o curso de especialização em submarinos.

